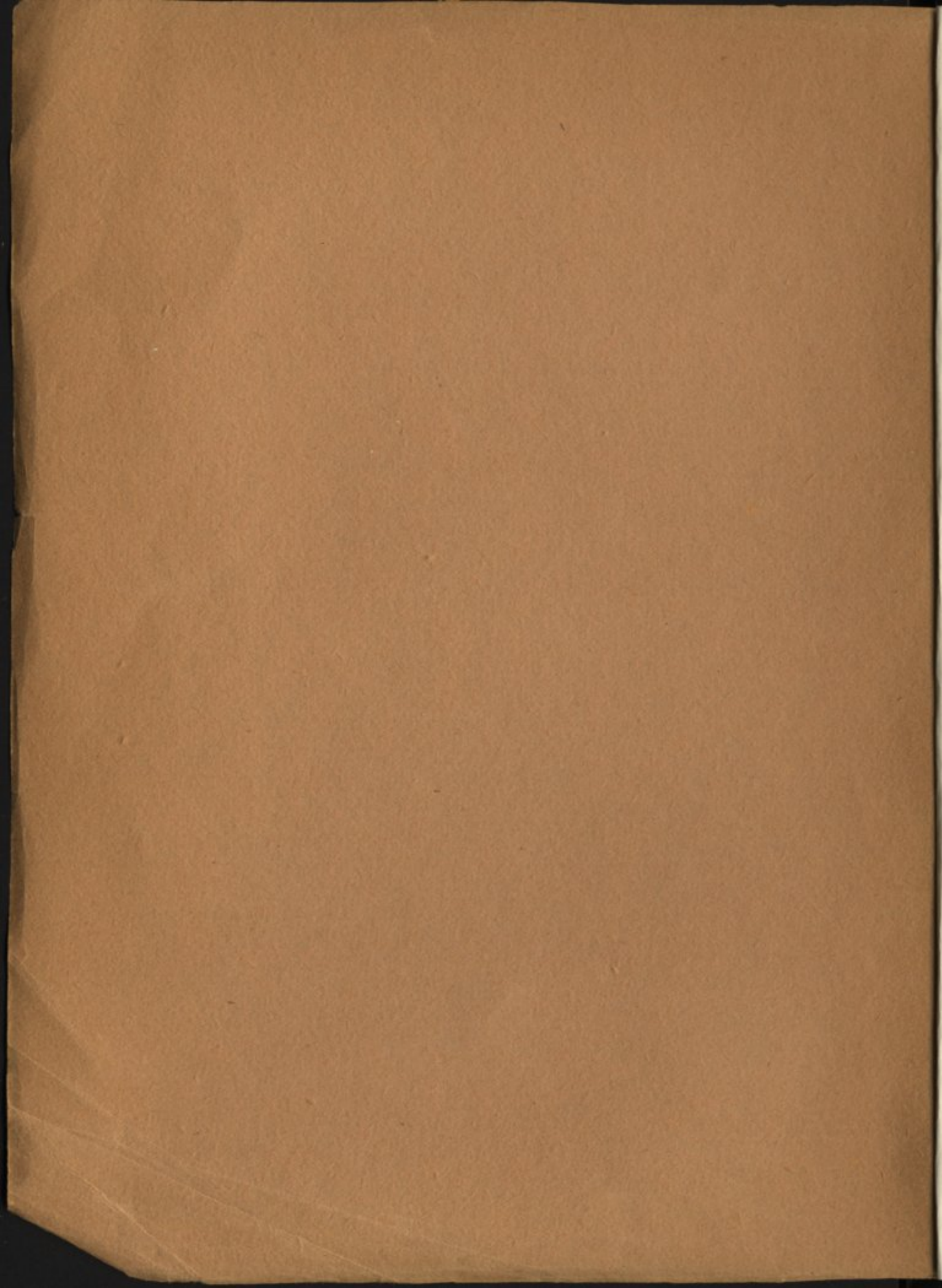


Mem
9/14

333
No. 1

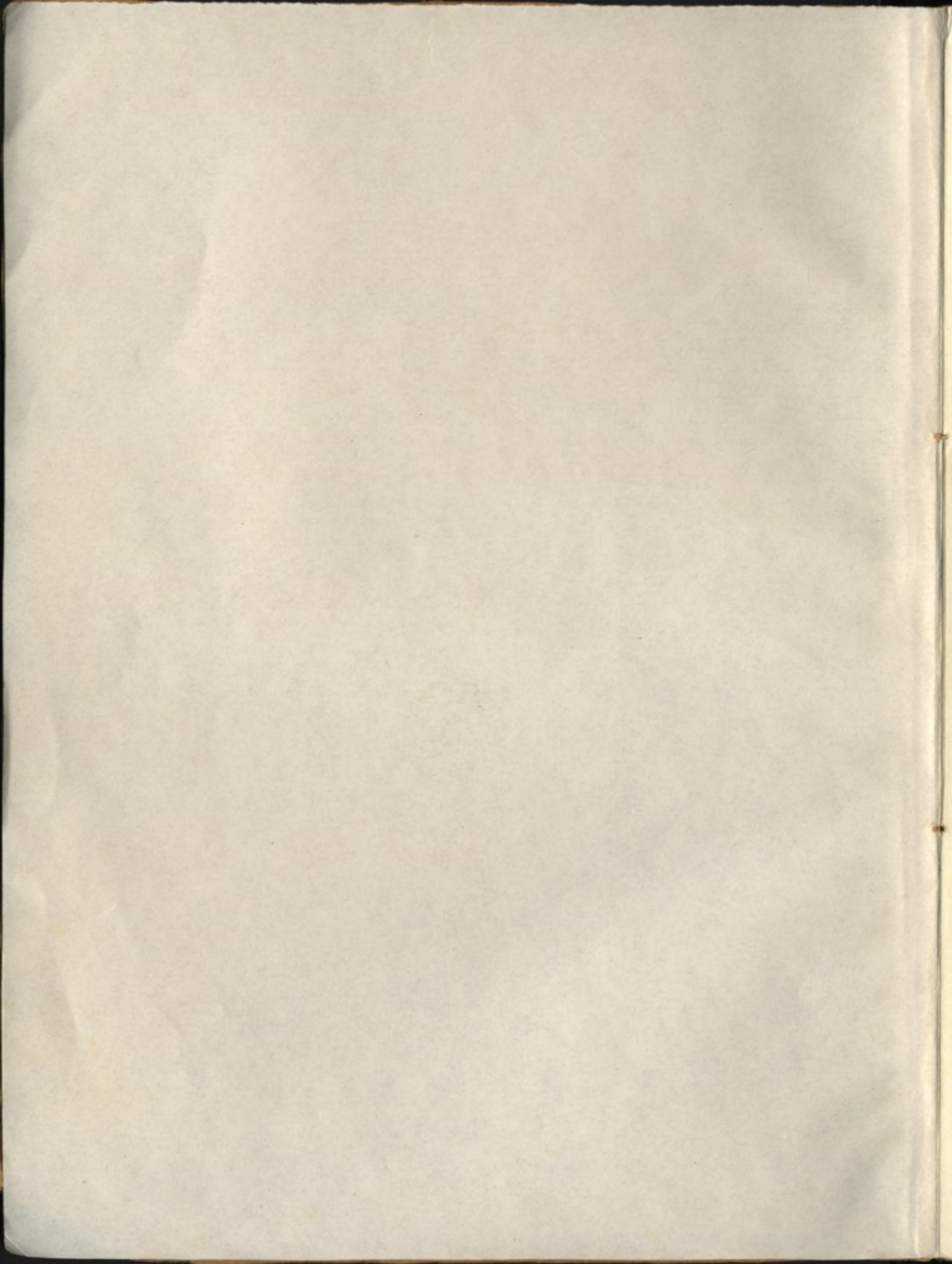


Memorias

1948
Diario de correr da jama.

Vol.





Memorias

1944 ~ 1948

Diario ao correr da pena.

Vol.



MEMENTO

Diaria do curso de Forma

187.



1944 ≈ 1948 nos yab mundo...

En Paratense de Aveiro: Itinerari
do da Serra Zanita, pag. 417
(82-4, 1127).

2.11.10 M.S.

8481 ~ 4481

9

1944

« Eu escrevo o que vi e ouvi
& muitas causas vêm do mun-
do... »

Coimbra

Ja Fr. Paulistas de Aveiro: Itinerá

Mais um rio da Terra Santa, pag. 217

daqui? {Ed. de 1927}.

Coimbra

Janeiro: 4.

Ficou hoje acasalado, saiu o dr. Gu-
narienda Costa logo em fazer uma confer-
encia no Instituto, por occasião de seu
terceiro de anno de Montijo, e para o ju-
rimo mais de mais.

Logo, parece, tem uma tristaria.

Seu casamento de Fevereiro do ano
passado os jornais publicaram, em for-
ma de nota officiosa, uma noticia que disse
o Instituto ia começar com palestras ao
domingo de propaganda scientifica, liter-

de la ...
de la ...
de la ...

de la ...
de la ...
de la ...

— 1944 —

Coimbra:

Janeiro: 1

Mais um... É o que é que sairá daqui?...

Coimbra:

Janeiro: 4.

Ficou hoje combinado com o dr. Guernandinho Costa Lobo em fazer uma conferência no Instituto, por ocasião do centenário da acção de Montijo, lá para o próximo mês de Maio.

Isto, porém, tem uma história.

Tem começo de Fevereiro do ano passado os jornais publicaram, em forma de nota oficiosa, uma notícia que dizia O Instituto ir começar com reuniões aos domingos de propagação científica, lit.

raria e artistica. E a noticia dava logo
 uma serie de nomes, na maior parte de
 professores universitarios, de pessoas q.
 iriam fazer conferencias e palestras nes-
 sas ditas reuniões. O ultimo nome da
 lista era o meu — e sem meu assentim.^{to}.

Confesso que não gostei.

Quando na direcção de O Lusitano or-
 ganizaram a lista, naturalmente con-
 venceram-se de que dando o meu nome
 a seguir a tão boas companhias, eu ficaria
 lisonjeado e agradecido. Deu-se, po-
 rem o contrario e declarei que não acci-
 tava qualquer incumbencia.

Dias depois, no teatro, encontrei o
 dr. Gernersindo Costa Lobo que se confes-
 sou o culpado da noticia sair sem que eu
 fosse ouvido. Deferir-se em desculpas,
 pediu-me p.^a não levar a real e para eu
 não deixar de os auxiliar na campanha
 d' O Lusitano, etc. etc. — campanha de que
 aliás se não viu começo.

O tempo passou. E em Novembro ul-
 timo deu-se o caso que atraz ficou regis-
 tado de a Revista Militar recusar o meu
 arbigio comemorativo de Mondijo em Maio
 proximo. Pensava eu onde publicaria o
 trabalho se como o tornaria publico,
 quando o encontro nos ultimos dias do

que com o dr. Gernersindo levantou de novo o projecto das tais conferencias e palestras no Instituto.

Este amigo, com a delicadeza que lhe é natural, esboçou nova solicitação para eu aceitar uma das conferencias. Lembrei-me então da comemoração da batalha — e propuz-lha. Ele aceitou logo, pareceu-me até que sem reservas e com certa satisfação — pois creio que da lista de pessoas q. os jornaes apresentaram, ainda nenhuma se mexeu...

Está, pois, o caso resolvido. A comemoração duma batalha, recusada na Revista Militar, vai fazer-se n' O Instituto.

Casas da vida.

Coimbra

Fevereiro: 12

Quando se celebrou o centenário da primeira Gazeta, entre as varias resoluções tomadas para perpetuar a comemoração, veio a de colocar á porta d' O Instituto de Coimbra, ~~em~~ em homenagem á sua revista como a mais ambiciosa do país no campo scientifico-literario, uma placa de marmore com a inscriçáo condizente.

A Revista Militar, sempre cheia de medidas e amabilidades, resolveu fazer-

-se representar no acto solene da inauguração da lajide ou placa comemorativa e convidou-me, como aliás era natural, para essa representação.

Eu aceitei, agradei e comuniquei o facto ao dr. Franc.º Miranda da Costa Lobo, q. é ainda o presidente d' O Lusitano - prometendo a este que diria algumas palavras no acto inaugural.

O tempo passou e não souia falar no caso quando ha dias, ao passar junto da porta d' O Lusitano, actualmente no edificio de S. Bento, notei que ao lado esquerdo, em cima, havia uma inscriçãõ. Parei, olhei, li e ... o que vejo? A lajide comemorativa colocada á recapa, sem se dar por isso, como qualquer ornato arch. historicico sem interesse.

Porque se fez isso? O dr. Costa Lobo, pai, tem ás vezes certas raticas e está de me ver uma delas. Por isso hoje mandei p.ª a Revista Militar o seguinte officio dirigido ao director-gerente:

«... ainda em referencia ao officio que se dignou dirigir-me em 2 de dezembro de 1941 (n.º 170-D)»⁽¹⁾ venho informar

⁽¹⁾ Este e outros officios relativos ao ca-

V... para conhecimento do Ex.^{mo} Presidente da Direcção de que a lapide a que aquelle officio se refere foi ha algum tempo posta na parede do edificio de S. Bento junto á porta que dá accessó á sede de O Instituto de Coimbra sem qualquer espécie de cerimonia e muito menos a minha comparencia, como forene ficou combinado com o Ex.^{mo} Presidente da dita corporação.

« Ignoro os motivos da resolução, assim como as razões que leváram a deixar consignada na acta de 14 de Outubro de 1942 «a valiosa colaboração da Revista Militar» (Vide O Instituto, vol. 101 a pag. 10) — o que me parece não corresponder á verdade.

« Agradecendo novamente a honra que a Ex.^{ma} Direcção me quiz dar, apresento a V... a afirmação da m.^a maior consideração etc. »

Aquelle dr. Costa Lobo tem radices misteriosas. Porque é que mandou pôr a placa sem solemnidade? Ele lá sabe, mas no caso deve andar misterio. É certo que elle está inutilizado, agarrado a uma poltrona, quasi inactivo se bem que ainda projecto

 so ficaram guardados na collecção.

taudo trabalhos de muito cunho o relativo ás ideias economicas do marquês de Pombal, conforme ha pouco me disse.

Mas enfim: a lapide está no seu lugar e o caso está arrematado.

Coimbra

Março: 6

O Luis da Camara Reis continua a insistir, de ver eu quando, pela minha colaboração na Seara Nova. Eu fizeci, confesso, um tanto eu quanto « desajustado » com a recusa recebida ha tempo quando lhe fui pedir p.^a editar o meu Carnões. Mas, enfim, vá lá!

Colaborar na Seara dá-me certa satisfação e por isso mandei hoje quatro artigos subordinados ao título de Páginas guardadas.

Um deles é uma rapa atusão ao meu exame p.^a o generalato; outro é o começo dum trabalho começado em Ghaues a respeito de Ant.^o Augusto Gencalves; outro trata do problema do pretório meto de Gil Vicente em ~~com~~ Miranda do Corvo. E lá vão hoje com carta annexa p.^a o Camara Reis.

E como diz o Povo: Deus lhe pouhe a virtude...

7

Lisboa

Ateril: 2.

Foi hoje carta para o Madail.

Pedi - me ele artigo para o meu Ar-
quivo do Distrito de Aveiro e insistia pela
conferencia sobre o castelo de Coimbra. Ao
prim.º pedido disse - lhe que sim, que logo
que regressasse a Coimbra o farei, natural-
mente acerca dum desembarque em Avei-
ro, em 1809, de tropas inglesas. Ao segun-
do... disse - lhe tambem que já não tinha
cara p.º recuar e no regresso veria o que
poderia fazer.

Quanto ao artigo, as coisas arranjam-
se bem; mas quanto á conferencia quero
crer que faço asneira.

Vamos a ver.

Coimbra

Maio: 21.

Escrevi hoje ao escritor e jornalista
Domingos João de Castro que usualmente
se assina só D. João de Castro, a seguinte
carta que contém a sua explicação sem
ser necessario prologo:

«... Li hoje no Primeiro de Janei-
ro o artigo de V... acerca de Matias de Al-
buquerque a-proposito de, seu berne, por

ser o 3.^o centenário da batalha de Montijo.
Apreciei-o devidamente.

« A certa altura pergunta V... : quem lembra hoje o nome e a vitória? Como a liberdade de informar de que o signatário desta se lembrou do ilustre general ha muito e comemorou já com uma conferencia no Instituto de Coimbra o 3.^o centenário da vitória como V... verá pelo cartão incluso. ⁽¹⁾

« E não me contentei com a conferencia porque em breve no 3.^o volume da revista Brasília, da Faculd.^e de Letras de Coimbra, sairá um artigo meu lembrando o esforço de Albuquerque nas lutas contra holandeses, no Brasil, de 1630-1636; e tambem em breve, no vol.^e XVI do Boletim da Biblioteca da Universidade sairá a publicação do Memorial de Matias de Albuquerque extraído dum codice ms. da mesma Bibliotheca, especie q. reputo inédita e que acompanho com prefacio e largas anotações.

« A conferencia do dia 2 sairá no proximo volume (o n.^o 103) da revista O Instituto. Terei occasião, a seu tempo, de enviar a V... as separatas dos artigos.

« Desculpe V... esta carta, mas exac-

(1) Era o cartão de convite.

tamente porque sempre considerei Ma-
xias de Albuquerque um dos nossos chefes
militares mais notáveis, não quiz deixar
passar o ano de 1944 sem ficar de bem com
a consciencia; e não quiz tambem deixar
de fazer saber a V... de que houve alguém
que pretendeu quebrar o silencio — que
aliás se não quebrou...

«Sueira V... dar as suas ordens, etc.»

Coimbra.

Mais: 24.

Um rapaz barcareuse, de nome Ar-
mando da S.^a Pais, escreve um jornal
O Barreiro uns artigos sobre a historia
local no que foi muito auxiliado por meu
tio José Augusto Pimenta.

Não o conheço pessoalmente, mas
parece-me, pelo q. oigo dizer, creatura de
boa vontade e trabalhador.

Escreveu-me ha pouco porque quer
tratar da biografia de meu tio Rafael Pimen-
ta e ao mesmo tempo pergunta-me por
uma noticia que dei a meu tio José relati-
va ao fatal do Barreiro — noticia que se
perdeu entre papeis que este meu tio the-
dera. É claro que isto mereceu resposta e
ela lá foi em carta que deixo copiada no vo-
lume respectivo a pag. 3/4 com o n.º 192.

Coimbra.

Maio: 27.

Está estorvado com o Pires Monteiro a con-
tas e ainda com o centenário da Batalha
de Montijo... Ontem não me contive e
escrevi aquelle anexo a seguinte carta - des-
abafo que é possível ele não receba m.^{to}
bem.

«... É quasi meia-noite, hora
propria dos medos... Pela cidade ainda
ainda o eco da barulheira da festa dos na-
pões que se oio, com simpatia por ser
festa de mocidade — possivelmente cheia
de ilusões como já nos aconteceu e ha-de
sempre acontecer por omnia saecula.

«Mas hoje sentado, medido em casa to-
do o dia, deixei-me levar por pensamen-
tos de varia especie que variavam desde
a festa dos estudantes até á Batalha
de Montijo que precisamente ha tres se-
culos se decidiu.

«A esta hora, ha 300 annos, Matias
de Albuquerque meditava de certo acerca
do que é a guerra, da sua variabilidade
e possivelmente das causas que lhe deram
a vitória, misturando esses comenta-
rios intimos com lembranças das suas
lutas no Brasil contra holandeses onde

de certo formaria, vagamente, o seu sistema.

« Ora eu, com tudo isto que durante o dia me surgia no pensamento, também senti alguma tristeza resultante de certas circunstâncias que não agradesco m.^{to} bem e que me fazem pensar em qualquer Fatum que pesa sobre mim por imposição dos Deuses ou de quem quer que seja que regule esta pessima maquina do mundo.

« Há mais de 15 anos, creio eu, pensei em celebrar o centenario de Montijo, apresentando interpretações novas do combate e certa análise ao valor de Mafias de Albuquerque como chefe; a ideia evolucionei com cautela, fui colheendo elementos, estudando, confrontando, dividando, até que cheguei a conclusão q. pensava expôr, como era natural, em publico e por intermedio da nossa Revista. Escalentei essa esperança porq. me parecia que o melhor intermediario seria a Revista Militar, por assim dizer o orgão official da classe e a mais antiga publicação no genero.

« Assim, fiz o trabalho dentro das proporções dos fasciculos, com elevação de typographia condizente com a categoria da revista e com a seriedade que uso

em tais casos. De modo que recebi um grande alívio quando me foi (amavelmente embora) recusada.

« Pode ver (e só lho digo hoje, por des- cargo de consciencia) que a recusa, apesar de envolvida em termos de primôr, me cau- sou um periodo de inacção de cerca de quin- ze dias em que andei apático, sem tentar os meus trabalhos habituais, por não com- preender as razões da recusa e por con- cluir pela inutilid. de qualquer esforço e, até, pela inutilid. da mi.ª presença na pro- pria Revista onde, afinal, sou inutil.

« Tercia que foram meus dias, esses, em que pensei rapidamente em arrumar os meus papéis, rasga-los com aquela or- dem que Antero de Guesuald dizia ser neces- saria na propria desordem, depois vender os meus 6:000 volumes que são uma das razões da mi.ª vida — e por fim reduzir os anos que me faltam á simples vida vege- tativa ou quando muito a reunir certos quadros para jogo de cartas, eu ainda ao encontro á porta de estabelecimentos com gente ociosa que comenta escandalos e, no caso presente, resolve os planos estraté- gicos que os generais não são capazes de re- solver... Mas, enfim, a pouco e pouco fui reagindo; os meus 6:000 amigos fiéis

chamáram - me á realidade e voltei qua-
si á mesma vida — e digo quasi pois.
perdi muito de m.^a ambiciosa vontade de traba-
lhar.

« Desde então (Novembro ultimo,
creio eu) vou entretenendo, vou procura-
do distrair (e viva o neto!).

« Ora aqui tem o que, por noite alta, já
lá vai a meia-noite, este seu amigo traz
á balha, como simples desabafo. Amanhã,
relida a epistola, é natural que a mão dei-
xe seguir — não vá parecer censura ou
reproche. E agora, vou-me deitar e pre-
sarei em Matias de Albuquerque, sempre
cheio de intenções boas e sempre a vê-
las destruidas como se fossem más.

« Ora pois: muito boas noites! Muita
saude! E creio-me, etc. »

« P. S. = Em 27. =

« Reli. Sempre manda a carta. Creio
não ter nada de heterodoxo. »

Coimbra.

Mais: 31.

O Pires Monteiro reagiu logo á carta
que aí ficou atirar. E parece que se reagou
alguma coisa. Quem sabe se foi ele o cau-
sador da recusa?

Escrevi-me uma carta amavel
a que eu hoje respondi com este postal:

«... Muito e muito obrigado pela
atenciosa e cabalante carta. A minha epis-
tola era ponto final e simples desabafo.
Aqui não tem continuação; foi como
conversa com amigo íntimo. E desculpe-
se o incomodei, com a franqueza, mas no
estado de espirito em q. estou, tinha q. di-
zer alguma coisa. Daqui a 100 anos outros
renovarão a iniciativa. Não pense mais
no caso e creia-me, etc.»

A carta dele ficou guardada na colec-
ção como muitas outras dele. Fiquei com
jeita se o meaguei.

Coimbra:

Junho 2.

O Domício João de Castro eu (como
é conhecido) o D. João de Castro respondeu
à me.^a ultima carta de 21 de Maio.

E respondeu amavelmente, em ter-
mos cortezes, de pessoa educada. Promete
referir-se á me.^a conferencia num dos
seus proximos artigos. Eté.

Respondi hoje, agradecendo.

Coimbra:

Julho: 4.

Ontem, inesperadamente, morreu o Vergílio Correia. Parece que uma congestão fulminante. Foi uma má surpresa que correu logo, como em regra correu todas as más notícias.

É morreu novo. Tinha ainda adeante de si muito tempo p.^a trabalhar e para produzir.

Conheci-o em 1888, em um qualquer comício eleitoral para as eleições para as Constituintes. Ele fôra como outros estudantes republicanos fazer numero e dar apoio entusiástico. Desde então fiquei sempre com as melhores relações com esse rapaz vivo, alegre, um pouco descontraído mas sempre simpático e atraente.

Chamávamos-lhe, então, o Vergílio dos cacos, devido á sua constante preocupação pela arqueologia, revelada muito cedo. Conhecia os arredores de Coimbra muito bem que ele calcurreava em busca de elementos arqueológicos e etnográficos, ou só, ou acompanhado por rapazes amigos que arrastava ~~para~~ com promessas de varia especie: promessas de bons pastéis como em Tentugal

seu de curiosidades e telhas naturais co-
mo em Candeixa.

Depois, distanciou-se. Foi para Lis-
boa p.^o o Museu do Leite de Vasconcelos
com quem veio a ter questões; e requirir
p.^o o Museu de Arte Antiga onde questio-
nou com o José de Figueiredo. Tempera-
mento irrequieto e pouco subordinado,
~~mas~~ difficilmente se adaptava a qual-
quer ambiente onde ele não se achasse.

Por fim veio para Coimbra p.^o profes-
sor da Faculd.^o de Letras na vaga deixada,
salvo erro, pelo dr. Teix.^o de Carvalho; en-
tretanto, por isso, como vagal morto, para o
Caus.^o de Arte e Arqueologia; e mais tar-
de pela vaga deixada por Antonio August-
to Gaezalves na direcção do Museu Macha-
do de Castro, assumiu esse cargo.

O Gaezalves não o queria para suces-
sôr; tratava-o muito bem mas não
gostava dele, chamava-lhe melhao, fal-
so e dizia aos seus íntimos que se lhe
succedesse no cargo de director do Museu
lhe iria dar cabo da sua obra. Pareceu-
me isto sempre, confesso, exagero do
velho Gaezalves, isso, como era natu-
ral, da sua obra de artista. E como pre-
sidente do Caus.^o de Arte, nessa altura de
vaga, não tive duvida, no que aliás fui

apoiado por todos, em propor o Vergilio para director do Museu.

Final, o velho Gouçalves tinha toda a razão. Mal o Vergilio assumiu as suas funções, começou subtilmente a transformar o Museu, a tirar-lhe a feição que o organizador lhe dera; isto ia chegado aos ouvidos do Gouçalves já inutilizado e quasi sempre metido em casa e a um seu outro ia-se queixando, lambicmando que não esperasse pela sua morte para fazer tudo o que quizesse...

Enfim, morto o Gouçalves, o Vergilio chegou a tirar do Museu tudo quanto era dele e ele oferecera; houve quem no tarre o caso e desse rebatê nos jornais e o Vergilio mandou pôr tudo, outro vez, no seu lugar.

Porque é que ela fazia isto?

Na m.^a presença, vi m.^{to} vêr a maneira subserviente como elle se dirigia ao Ant.^o Augusto Gouçalves, como lhe pedia a opinião, como o ouvia. Porque é que, desde que se viu senhor do Museu, desmentiu tanta afirmação e tanta attenção publica? Teria razão o velho Gouçalves, cheio de experiencia, em lhe chamar velho? Teria razão o pintor Luciano Freire em dizer um dia ao Lourenço Chaves do Alveiz.

de, censurando a nomeação p.^a a direcção do Museu, que o Vergilio « foi educado do seu Catecholide e ficára com as manhas e nonhas dos jesuitas? »

Isto tudo me custava um bocadinho porque na verdade eu gostava do Vergilio e a minha boa-fé, ao começo, tomava como exaggeros, as suas vontades, o que se dizia dele. Flavia, contudo, certo fundo de verdade, infelizmente.

Morreu sequeu. Não é tempo para falar em seu desabono. Mas nos últimos tempos levava vida muito irregular e causava reparos certas atitudes que tomava. Dava ás vezes a impressão de cabeça no ar, de rapaz desorientado — mas sempre com o mesmo feitiço optimista, alegre, com ditos espirituosos sempre prontos, como se a vida lhe corresse sobre diamantes.

Faz, porém, falta. Era um trabalhador; um erudito em assuntos de arte e arqueologia; e se bem que seu muito prontos as suas opiniões seriam descobertas, não se pode negar que, de maneira geral, era uma autoridade.

Apesar de tudo, isto é, apesar dos juizos tão contraditórios que ~~se~~ se podem fazer a seu respeito e de eu reconhe-

cer a justiça de certas acusações, o desaparecimento do Vergílio Correia incómodo-me e impressionou-me.

Posso dizer que tenho picada magua. É a verdade.

Coimbra.

Julho: 15.

Depois dum ano de resistência, tive de ceder aos pedidos e á teimosia do advogado Fernandes Martins e do Rocha Medail, para uma conferencia sobre o castelo de Coimbra.

Foi em virtude desta m.^a cadeencia q. os jornais da terra começaram a publicar uma especie de nota officiosa do que fica uma amostra adiante, a do periodico O despertar que é, entre os de imprensa local o unico que se diz sempre:

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

A convite desta velha e prestigiosa Colectividade, — agora em completo ressurgimento — fará uma lição no próximo dia 23, junto das ruínas do antigo castelo desta cidade, o illustre coronel de Infantaria sr. Belisário Pi-

menta, que versará o tema: *O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral.*

A julgar pela categoria intelectual do distinto conferente, sobejamente conhecido e admirado nos meios cultos de Portugal, temos de antemão a certeza de que tal lição vai resultar brilhantissima.

É claro que esta nota e outras que apareceram, saíram porque os promoto-

nes da serie de conferencias sabem bem como essas coisas se fazem.

Segue outra amostra, a da Gazeta de Coimbra que está no numero dos paucos amijos: saiu no dia 8 do corrente:

CONFERÊNCIA

Prosseguindo a sua acção cultural, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, promove no dia 23 do corrente mais uma conferencia, que será feita pelo illustre publicista sr.

coronel dr. Belisário Pimenta, que versará o tema «O castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral».

A conferencia será feita no local onde se ergueu o castelo a hora ainda não designada.

A sagrada missa da Imprensa!

Coimbra:

Julho: 23: manhã:

Ontem, o jornal O despertar, creio que só este, deu a noticia que deixo colada adiante, olera, certamente do advogado Fernandes Martins, conhecedor do que é a Imprensa e do seu maquinismo interior.

Hoje, o Diario de Coimbra, a um canto da primeira pagina, volta a referir-se á conferencia em termos idênticos embora mais resumidos.

Tem tudo se vê o mesmo dêdo, pois se esse dêdo se não mexesse a Imprensa local calar-se-ia com o caso e deixaria passar silenciosamente o successo. Sua

do ruído, o Despertar, onde tenho um « admirador » no António de Sousa que é o administrador e o chefe da oficina, e q. daris a notícia. Os outros... mante-

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra

A convite desta prestigiosa colectividade, realiza amanhã, pelas 17 horas, junto das ruínas do velho castelo



Coronel Belisário Pimenta

desta cidade, uma lição, o Sr. Coronel Belisário Pimenta.

Subordinada ao tema: *O Castelo de Coimbra e os imperativos militares da Beira Litoral*, essa lição vai resultar brilhantíssima, e outra coisa não é de esperar do talento scintilante do illustre militar.

riam o natural silencio de quem não é amigo seu, pelo ruído, e' indifferente.

Uma pau-
ta gentinha!

Logo, lá
irei subme-
ter-me á
grava desa-
gradavel da
conferencia
publica e ao
ar livre! O
local não dei-
xa de ter ra-
zão: no jar-
dim do hospi-
tal dos Laza-
ros, em frente
ao ultimo
pauço do ruído.

ralha do castelo que ainda ha pouco es-
teve p.^o ser demolido.

Será o que for. Oxalá o calor que ho-
je aperta afaste os acurintés e deixe apenas
meias dúzias de carólas para a modesta
guarda de honra... Seria assim com as jo-

letras em família
mais agradável p.^o
meim e meus in-
comodáveis para
aqueles que sofrem
com as temperatu-
ras elevadas.

Enfim, isto tu-
do é uma espiça
e consequencia do
meu feitiço contra
rio a dizer logo e
redondamente q.
não. Agora é só
aquestar e cára

**Sociedade de Defesa
e Propaganda de
Coimbra**

Como já dissemos, é hoje que,
pelas 17 horas, realiza a sua con-
ferência, a convite da Sociedade
de Defesa e Propaganda, o sr. cor-
nel Belisário Pimenta.

Será proferida junto das ruínas
do antigo castelo da cidade — no
Hospital dos Lázaros — sob o tema
sugestivo: «O Castelo de Coimbra e
os imperativos militares da Beira
Litoral».

A conferência, de isso estamos cer-
tos, irá resultar brilhantissima, e a
entrada é pública.

alegre. Ninguém me mandou ser tolo.

Este segundo recorte que aí fica é o
do Diário de Coimbra de hoje.

Paz : Mafra :

Agosto : 3.

Mas acorrima, mas neste caso na-
turalmente amiga, mandou-me pelo





correio o n.º do jornal A Camarã de An-
guel de 25 de julho ultimo com a noticia
que aqui fica colada para memoria e po-

De Miranda do Corvo

JULHO, 19.

CONFERENCIA.—Constituiu uma brilhante
lição a palestra sôbre Miranda do Corvo nos
tempos antigos, proferida no passado doming-
o, na sede do Grupo Recreativo Mirandense,
pelo sr. coronel Belisário Pimenta. Só um per-
sistente investigador pode apresentar um tra-
balho tão completo. S. ex.ª tem desde há 30
anos recorrido a todos os meios para obter
informes sôbre tudo o que por qualquer forma
diga respeito a Miranda do Corvo, tendo já
publicado vários livros.

O conferente foi apresentado pelo sr. dr.
Carlos Batalhão, que presidiu à assembleia, se-
cretariado pelos srs. drs. Fausto Lobo e An-
tónio Monteiro Guerreiro.

O orador foi no final muitíssimo aplaudido e
cumprimentado pelas mais altas individualida-
des da terra.

A sala estava repleta, vendo-se presentes as
pessoas de maior posição social dêste meio.

ra a historia
das minhas jo-
teras conferen-
cias.

Fica, ao me-
nos o recarte
já que ultima-
mente o meu
estado de espi-
rito e varias
ocupações e
preocupações
não me dei-

xam ir lançando no papel minhas notas
pactas acerca do que se passa em mim
e do que se passa ao meu redor.

Assim passou esta mi.ª ida a Miran-
da do Corvo onde fui falar da primitiva
Miranda, e assim ficou meu commenta-
rio a palestra sobre o castelo de Coimbra
que não correu tão mal como eu receia-
va. Adeante.

O dr. Américo Girão que presidiu à
palestra comentou - a favoravelmente e
desceu do alto do seu capelo e barto para
dizer que aprendeu muito...

Se o homem falou sinceram.^{te}, foi
a ciência tem os melhores professores
universitários!

É ponto final.

Paz : Mafra.

Agosto : 6.

Hoje o dia foi dedicado ao Pires Mon-
teiro. E lá foi uma carta de carta exten-
são com certos parâmetros da m.^a vida.

Deixo-a copiada no volume respec-
tivo com n.^o 193, a pag. 316.

Paz : Mafra :

Agosto : 23

Ha um tempo para cá um comin-
tricense q. eu não conheço chamado
Adolfo de Freitas, residente no Porto com
qualquer cargo que desconheço, escreve
artigos no jornal O Despertar e entre os
últimos alinha uma homenagem a Sr.
Tonio Augusto Gonçalves.

Não sei nada do articulista e muito
menos da sua sincerid.^{de} neste caso. Lia
o jornal, guardava os artigos por curio-
sidade e pronto.

Ora ante-ante chegou-me aqui
uma carta do dito Adolfo de Freitas con-
vidando-me para eu me pôr á frente

da falada homenagem a Mestre Gonçalves. Respondi-lhe amavelmente com esta outra carta:

«^{meu} Sr. : Agradeço muito a sua carta de 19 do corrente e bem assim o desejo manifestado de me pôr á frente da homenagem que pensa fazer á memoria do meu velho amigo e mestre Ant.º Augusto Gonçalves. Agradeço muito sinceramente.

« Venho, porém, dizer a V... com a maior franqueza que acho o momento pouco próprio para a desejada homenagem. Não ha, por agora, me parece, oportunidade para isso. Mercê de varias circumstancias, Coimbra (creia-o) não se associaria como era seu dever. Entre os amigos de Mestre Gonçalves já se tem ventilado o assunto e chega-se a essa triste conclusão.

« E mercê, tambem, de outras circumstancias, eu seria o nome menos indicado para tomar o commando — e confesso que, desaparecido o dr. Vergilio Correia não sei quem poderia tomar a direcção da homenagem: meu todos os que se interessam por Coimbra tem veneração pela memoria do Mestre. O meu parecer é, pois, que independentemente de se ir

traído o nome desse grande comitri-
ceuse como V... seu feito na infância com
brilho e desassombro, se terá de esperar
melhor oportunidade. E creio que o digo
sinceramente.

« Recebo os meus agradecimentos e
creia-me, etc. »

Uma explicação: o nome do Vergílio
Correia que aí ficou era o meu, indica-
do p.^o dirigir uma homenagem ao velho
Gonçalves. Escrevi-o para dar certa forma
às minhas desculpas.

E na verdade quem apoiaria uma ho-
magem ao notável Mestre, modelo
de humanidade e de coerente inconfir-
mismo? Os tempos não se ajustam a
tais consagrações.

Paz : Maia :

Agosto : 26.

Esperam-me hoje, já atrasados,
jornais de Coimbra.

La vejo mais consequências da m.^a
conferência sobre o castelo de Coimbra.
O Pires Monteiro continua a ser a mes-
ma criança e a confirmar o que lhe di-
zia na última carta que lhe escrevi. E se
não veja-se:

A Revista Militar não teve uma pa-
lavra f.^a a conferencia sobre Montijo; e
agora desvanece-se a proposito da aldea-
lice que fiz para satisfazer os haueus de
Societ.^a de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Eu fim, que lhe haueus de fazer?...
Aqui fica o documento: é Pires Monteiro
puro.

Coronel Belisário Pimenta

A Sociedade de Defesa e Propagan-
da de Coimbra, que no seu admirável
empenho de intensificar a vulgariza-
ção da cultura, prosseguindo no ciclo
de conferências, que vem promovendo,
convidou o sr. coronel Belisário
Pimenta, a vir a esta cidade há tem-
pos efectuar a notável lição já do co-
nhecimento dos nossos leitores, acaba
de receber o honroso officio da «Revista
Militar» que a seguir transcrevemos:

«Lisboa, 31 de Julho de 1944 —
Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade
de Defesa e Propaganda — Coimbra.

Em nome da «Revista Militar»,
como Presidente da respectiva Direc-
ção tenho a honra e a maior satisfação
em saudar essa tão prestimosa colec-
tividade pela iniciativa do ciclo de
conferências entre as quais «O Castelo
de Coimbra e os Imperativos mili-

tares da Beira Litoral» pelo Ex.^{mo} Sr.
Coronel Belisário Pimenta.

Congratulamo-nos sinceramente
pela escolha do tema e porque o dis-
tinto autor é um dos mais categoriza-
dos officiais do nosso Exército, brilhante
colaborador, abalizado historiografo
e illustre Sócio Efectivo da «Revista
Militar».

Com as expressões da mais respec-
tosa consideração os votos de pros-
peridades na realização dos patrióti-
cos objectivos da Sociedade.

O Presidente, *J. J. Teixeira Bote-
lho, General*.

Registamos com a maior satisfação
esta prova do incontestável aplauso
merecido pela Direcção da S. D. P. C.,
tanto mais que ela parte duma publi-
cação quasi centenaria que tem sabi-
do dignificar o Exército Português.

Reputamos este gesto como um in-
solisimável testemunho do grande
aprêço em que é tida, não só em
Coimbra mas pelo País fora, a acção
admirável da actual Direcção da S. D.
P. C.

Isto veio no n.^o 4730 de 19 do corrente,
da Gazeta de Coimbra. E se foi publicado
isso se deve, com certeza, ao dr. Fernandes
Martins. A Gazeta, por si, nem uma li-
nha dava. A vida é assim. Deixa-la
ser.

Paz : Maíra :

Setembro : 3.

O tal Adolfo de Freitas continua a escrever e a misturar alhos com lupathos. Não sei se ali andará alguém velhacamente por detrás dele. O Lourenço Chaves Almeida anda furioso e escreveu-me a dizer que vai responder nos jornais.

Ora isto daria uma trapalhada e se o Freitas está a ser manoteado, consciente ou inconscientemente, o caso daria uma parcaria razoável.

Escrevi, pois, ao Lourenço com conselhos de calma. Aqui fica a carta para documentar se for necessário :

« . . . Não respondi logo à tua carta porque quiz pensar, com cuidado, no assunto. O caso presta-se a irritações e eu também quando recebi a carta do homem ⁽¹⁾ (creio que lho disse) tive, no primeiro momento, vontade de responder torto . . .

« Mas este processo entre saloios serve para meditar pausadamente. E foi o que fiz nestes dias todos, para deixar que abrandassem os ímpetos e deixar que a

⁽¹⁾ Adolfo de Freitas.

tranquilid^{de} de espirito traga a boa resposta ou, pelo menos, melhor resposta. Que, verdade, verdade, ainda o preferível será não responder.

« O homem talvez tenha boas intenções e não saiba bem o que está a fazer e tanto que me equiparou ao Octaviano de Sá e ao Paul Miranda (!!)... Eu já lhe disse o que tinha a dizer, mansamente, em carta de que conserveo rascunho q. lhe mostrarei. Não será melhor, pois, esperar e ver se o homem diz alguma coisa mais? Antes disso, qualquer artigo, embora justo, mas escrito com vivacidade, poderia levantar polêmica por parte dos sa matandrapem daí — e lá teríamos que nos bater com eles o que era desagradável e... deselegante.

« Note que o meu artigo na Seara (1) parece ter caído como carapuca, bem tratada; ninguém lhe fez qualquer observação segundo creio.

« A m.^a opinião, pois, meu caro Almeida, é a de não tirar importância ao caso enquanto não entrarem por insultos e menoscalto á memoria do nosso

(1) Antonio Augusto Gonçalves; no n.^o 877 da Seara Nova, em 3-Junho-1944.

vellho Gonçalves. Eu tive que escrever ao articulista porque ele me escreveu e já queria coisas e coisas e expunha projectos do arco da velha; mas confesso que me custou a escrever e fiz rascurinho que risquei, emendei, reduzi e torturei cuidadosamente.

« Espereemos, pois. Não será melhor assim? Lembra-se de que os nossos amigos esprepariam as mãos de centenas de nos vissem a braços com jolennica desagradavel. Pense no caso e não lhes façamos a vontade.

« E todo o tempo é tempo!

« Um abraço, etc. »

Paz: Mafra.

Setembro: 13.

Ontem os jornais traziam a noticia da manifestação que o Estado-maior fez ao Sr. Santos Costa que de Sub-secretario da Guerra agora ascendeu a ministro com todas as honras.

E como a simples noticia era coisa banal, os jornais de Lisboa transcreviam na integra o discurso do major-general, o illustre Carlos M.^o Pereira dos Santos que em nome dos seus pares quis gritar o bayeté! aos seus superiores.

Seubi cócegas de colar aqui o discurso inteiro p.^a memoria. Mas desisti. Para que sujar mais estes cadernos de memórias?

Basta dizer que é um acervo de baixêzas, de subserviência, de adulações a um homem que todos sabem detestado e aborrecido. Não julgava, apesar de tudo o que sei, o Pereira dos Santos capaz de tal inferioridade de carácter.

Adiante.

Contudo, a m.^a nota não fica completa se não chamar a atenção para o grupo de generais que assistiu á cerimonia e que os photographos dos jornais fixaram p.^a a posteridade. A attitude servil desses cavalheiros é manifesta e especialmente a do Fernando Borges que deveria ter sido o manipulador da mascarada, que apparece com ar mystico gosando ao mesmo tempo a esportera.

Que velhaco, este Borges! Lembros-me sempre, em casos semelhantes, daquelle frase irônica do dr. Bernardino Machado:

— Basta muito a ganhar a vida honestamente!...

É ponto final. Para que gastar cera com tais defuntos?

Paz : Mafra :

Setembro : 24.

O Camarã Reis escreveu-me das Pedras Salgadas. Persiste pela m.^a colaboração na Seana Nova. Respondei-lhe que sim, q. mandaria mais colaboração.

E se ele me deixasse em possego?

Paz : Mafra :

Outubro : 5.

Para se avaliar o que habitualmente se chama o sinal dos tempos, deve ler-se o pequeno editorial do Diário de Notícias de hoje, da responsabilidade evidente do muito e muito ilustre Augusto de Castro.

Vale a pena considerá-lo com atenção, pois eu atravessei estes 34 anos vendo e observando e vendo intimamente toda a incongruência dos sucessos.

Algumas feridas me ficaram deixadas por estes terríveis 34 anos; não olho para as cicatrizes porque me fariam alguma impressão, mas penso que a vida poderia ter sido outra. E até leu diferente da que foi.

E digo a vida: quer a minha quer a do regime proclamado em 5 de Outubro de 1910. Não aconteceu assim, parem; que lhe havemos de fazer?

Ora o arbispo reconhece que o «adven-
 to do regimen republicano marca o ini-
 cio de uma nova era de progresso»; que «cor-
 respondeu a um generoso auspicio da alma
 popular»; que a Republica «fez uma trans-
 formação necessaria e indesejavel (sic)
 da vida portugueza»; e que as agitações ha-
 vidas nestes 34 annos «são o tributo com que
 se pagam as conquistas progressivas, as
 caminhadas dos povos na senda da civiliza-
 ção.» Etc. etc.

E termina por cumprimentar o «sr.
 general Carmona...»

Ora o que quereu dizer tantas amabi-
 lidades por parte do illustre Augusto de
 Castro?

Coinhena:

Novembro: 26.

Depois de mais de mees e mees de in-
 tencio, cá estou ás voltas com o bom ami-
 go Pires Monteiro. Mais uma carta, das
 grandes, que me não atrevo a deixar aqui
 na integra, porque contem mi.^{tas} banali-
 dades; não apenas extractos:

«... Quanto ao seu officio de ha-
 dias (n.º 240-D, de 21) e ao assumto juici-
 jal que é o centenario de Eça de Queiroz,

devo informar - lo de que, no verão pas-
sado, em reunião de O Instituto de Coim-
bra ficou assente que esta colectividade to-
mava parte no centenário com confe-
rencias e estudos; e eu fiquei encarrega-
do de uma dessas conferencias que depois
seria publicada na revista da casa com a
ampliação que eu entendesse. A minha
intenção, pois, na festança, será por
intermedio do Instituto para o que terei
de entrar com a despesa de uma casaca...

« É claro que tudo isto: conferencia,
artigo e casaca fica dependente do placet
do illustre Ferro a cujas exigencias eu
não estou disposto. Se o illustre ditador
quizer intervir no sentido de qualquer fis-
calização ou censura, por muito cerimo-
nias que sejam eu atiro com os apare-
lhos ao ar e meto o meu trabalho na ge-
nela.

« A participação da nossa Revista acho
que seria « de proveito e exemplo » como
os contos de Trancoso; poderá beliscar mu-
ta gente por o Esca ser paizano; mas, que
diabo! umas vêm não são vires! O Esca
de Sueiroz é um grande nome e a Revis-
ta Militar só se houvea lembrando a sua
altissima figura. Eei conto passar o Na-
tal em Lisboa; e então conversaremos e

combinarêmos, de modo definitivo, a participação que me deves caber.

« Muito obrigado, também, pelas felicitações a propósito da minha entrada para a direcção da Biblioteca d' O Instituto; o caso não merece foguetes — pois ao tempo faz mais vista do que ao pé... A biblioteca é muito boa, principalmente em revistas estrangeiras; mas ainda há muitos anos abandonada e está, actualmente, em grande barafunda. Uma espiça.

« Os meus arquipos no Seána continuam; dependem do possêgo para copiar e rever as muitas paginas que tenho guardadas. Os meus agradecimentos por tudo.

« Para o Natal lá estarei, etc. »

« P. S.

« O nosso Costa Veiga fez até-sentem uma conferencia sobre Avelar Brotero, integrada na comemoração do seu 2º. centenario. O trabalho estava bem apresentado e falou muito, realmente, de Brotero. Mas falou igualmente muito de si proprio... Oh vanitas vanitatum!... »

Realmente o Costa Veiga, como se sentiu entre capelos e borlas, quiz fazer valer-se e deu-se ao dispreto. A rapaziada academica, em grande numero na as

sistência, applaudiu-o com certo barulho que ele tomou como manifestação de simpatia. A sessão deu-se no anfiteatro de Física e a rapaziada euclicia as bancadas superiores; o Costa Veiga que tomou a sério os aplausos dos estudantes, estendeu os braços, alegremente, como os toureiros no redondel a agradecer ao respeitável publico. Os rapazes redobráram a barulheira e o Costa Veiga, de baixo, continuaria a acenar de braços abertos se o reitor, que presidia, não fizesse sinal para acabar com o pagode.

O Veiga das curvas não conhece o ambiente coimbrão e tomou a reunião por Juno. Ha-de ser sempre o mesmo Veiguinha das curvas.

Coimbra

Novembro: 27.

Hoje tive que officiar para a Revista Militar, a agradecer as felicitações que a direcção me mandou por ser nomeado director da Biblioteca d'O Instituto.

Em tudo isto anda, com certeza, o dedo do am.º Pires Monteiro que gosta imenso destas pequenas coisas — que para mim afinal não passam de futilidades.

Coimbra:

Dezembro: 12.

Mais uma vez o Pires Monteiro. Desta feita é p.^o me agradecer um exemplar do livro que ele e o oficial de marinha Alberto G.^o Afra compuzeram com o título de Libertação de Europa. Deixo-o aqui porque contém certas afirmações críticas que vão além do «muito obrigado.»

«... Já li a sua Libertação de Europa. Terei ter-me dito que ao abrir a obra, por mera curiosid.^e antes de a ler, tive a impressão de que seria trabalho de muito interesse p.^o se avaliar o que foi o autêntico anterior a esta cena final da invasão. Depois da leitura, confirmei a impressão rápida.

«É trabalho feito a sério, por competentes e com plano bem estudado; está escrito de modo a ser entendido por todos e na verd.^e conduz o leitor, com interesse crescente, ao desfecho final. Não é, pois, obra paralela a essas que por aí pululam sem respeito de Deus e dos homens.

«Devo, porém, com a franqueza de sempre, notar os pontos ligeiros que encontrei. Meu foi a natural pressa com que foi feito; o livro ressurte-se disso

na coordenação e boa harmonia das suas partes. Outro foi o de certos deslizes de linguagem, o uso de termos escusados, neologismos ainda ru.º melancólicos, galicismos reprováveis, etc. etc. consequência do apressado do original e dos meus hábitos que a imprensa (« Alta Missão da Imprensa ! ») nos instila diariamente, a toda a hora.

« Mas isto serão talvez catarrices de Quintiliano de 4.º ordem, pois o livro lê-se com agrado e crescente interesse; pó-o diria a amigo que compreende a intenção como que o digo.

« Aqui ficam as minhas impressões que desejo transmitir desde já e que confirmarei em breve, pelas alturas do Natal, pessoalmente.

« E até breve, etc. »

~ 1945 ~

Lisboa:

Janeiro: 1

Mais um...

Lisboa:

Janeiro: 26.

Simples extracto de uma carta para
o Lourenço Chaves Almeida: o resto não
vale a pena arquivar.

«... Tudo isto "tem adiado o meu
regresso a Coimbra. Estou aqui m.^{to} bem
mas, ao mesmo tempo, a pensar que o
tempo corre e os meus trabalhos ficam
em atraso.

«Bem sei que há nisto alguma coisa
de ridículo, como se a humidade per-
desse qualquer parcela com o atraso dos
meus estudos. Mas a verdade é que não
desejaria morrer sem deixar, pelo menos,
prontos para a impressão umas tentativas

(1) Frio, neve, vento desatado — coisas que
em Lisboa são quasi inéditas.

que julgo não serem, depois de concluídas, simples bagatelas. Enfim, vamos a ver, como dizia o cego.

« »

Não sei se deua comentar: presunção e agua benta, cada um torna a quer quer . . .

Listra.

Janeiro: 27.

Escrevi hoje uma carta ao general Arnal Passos e Sousa que foi nomeado major-general do exercito. Carta congratulatória, seguindo o estilo antigo. E vai porque a merece; quando foi meu instrutor em Caxias cumulei-me de atenções e deferencias. Não é demais que com ele tenha também qualques delicadeza.

Listra.

Fevereiro: 4.

Hoje, outra carta congratulatória . . . Esta é p.^a o meu patricio Agapito Pedroso Rodrigues que foi promovido a ministro plenipotenciario e colocado na legação da Argentina p.^a onde parte brevemente. Esta carta é mais uma cerimonia do que atenção de velho amigo.

Noutros tempos, realmente, dei-me muito com ele. Depois, com a carreira diplomática afastou-se, tomou ares, passou a classe superior.

Enfim. Adeante. Lá vai a carta por simples cerimonia.

Lista:

Fevereiro: 20.

O António Gonçalves, o dono da Li-
vraria Gonçalves, de Coimbra aceitou-me editar o meu trabalho acerca de Éça de
Queiroz, aproveitando agora a quadra do centenario. Recibi uma carta dele solici-
tando a remessa do original, pois é já tempo de começar a tratar da composi-
ção. Porém, o original ficou em Coimbra e necessita de revisão cuidada e passa-
gem a limpo.

Além disso, como o assunto tem alguma coisa de escaureso e que poderá melhorar a actual situação politica, qua-
si puz de lado a ideia da publicação e li-
mitar-me-ia á conferencia no Institu-
to na qual só diria o que fosse corrente.

Respondi ao Gonçalves com agradeci-
mentos e dizendo que muito breve iria
p.ª casa e lá conversariamos com vapor
acerca do assunto.

Coimbra

Marco: 12

No Porto vai publicar-se uma revista chamada O Tripeiro de que será director o dr. Arthur de Magalhães Basto.

Recebi uma carta do proprietario e editor da publicação, um sr. António Sardinha, que em nome do director e evocando o nome do reatogado dr. Pedro Vitorino, me solicita não só colaborações mas licenças para o meu nome figurar na lista dos futuros colaboradores.

Que diabo de ideia teriam essas creaturas p.^a me convidarem p.^a uma revista que tem por divisa Do Porto — Pelo Porto? As palavras são avulsas e a instância vem de tal modo que me pareceu mal dizer que não. Frequeras...

Respondi ao homem que sim, que autorizava a inclusão do meu nome e que mandaria original quando pedesse.

Coimbra

Marco: 22.

O professor liceal Alfredo de Carvalho q. eu conheci em Leiria e actualmente está num liceu em Lisboa, disse a me.^a Filha q. sabia da existencia dum manuscrito relativo ao marechal Duque de Saldanha, na pos-

se de qualquer pessoa de Leiria. Escrevi-lhe hoje, amavelmente, pedindo que me informasse acerca da pessoa possuidora do meu manuscrito — pois nem na ocasião própria.

Este Alfredo de Carvalho é creature com certos meritos, mas é maduro sufficientemente para não responder.

Coinbra:

Abril: 12.

O D. João de Castro seu reja o plebeu do meiyos João de Castro, escreveu-me e mandou-me um volumezinho recentemente publicado de Novelas Historicas. Deoculpa-se com doença grave a respeito do seu silencio. Oseripou-me, pois, a responder:

« Antes de mais nada, lastimo muito a doença de V. . . e sinceram.^{te} desejo as melhoras rapidas e completas. E desejo tambem q. os meus trabalhos⁽¹⁾ quando tiver a benevolencia de os ler, the possuam dar qualquer impressao favoravel não tanto pelo seu valor real mas pela maneira de tratar ~~o~~ o assunto e de pôr os problemas historicos ainda incompletamente estudados.

⁽¹⁾ Opusculos que the ofereci.

«Agradeço m.^{to} a gentileza da oferta das Novelas Históricas que, pouco a pouco, não conhecia; desde Os Malditos e da Trezenção conheço mais ou menos a obra literária de V... , mas esta colectânea era-me desconhecida — e vou tê-la, com agrado, logo que terminar a passagem a tempo dum atrevido estudo sobre os aspectos militares na obra de Eça de Queiroz que o editor reclama com urgência.

«Muito e muito obrigado pelas atenções de V... ; creio, porém, que não valerá a pena reparar coram populo a injustiça a que alude, pois meu nome tem injustiça e meu o meu propósito visava publicidade.

«Renovo os votos pelas melhoras, etc.»

Coimbra.

Abril: 18.

O dr. Manuel Monteiro mandou-me o último trabalho de arqueologia artística que publicou. Agradeço-lhe com a seguinte carta amável:

«... Foi com muita satisfação que recebi o opusculo de V... sobre o túmulo de D. Gonçalo Pereira. Suiz V... honrar-me com a oferta de mais umas valiosas contribuições

para a história da Arte portuguesa em que é segura autoridade.

« Lembro-me muito bem das conversas de V... com meu tio, já falecido, Albino Caetano da Silva, conversas em que eu, ouvindo, não só ia aprendendo como ia confirmando no meu espírito a impressão de segura cultura em assuntos de arte de que V..., embora novo, já andava rodeado. Já lá devesse ir uns bons quarenta anos!

« Estas décadas passadas no meio de tanta alteração, não me deixaram, contudo, esquecer a figura de V...; creio, pois, que muito me honrou com a gentilera da oferta, valorizada com dedicatória que muito excede o meu merecimento.

« De nada valho aqui; desejarei, porém, que V... acreditasse que me subserivo, com a maior consideração, etc. »

Coimbra

Abril: 24.

Hoje foi uma grande carta, com visos de Tom Lermân p.^o o Suposto Bivar de Azevedo Salgado. Depois de várias facécias e ditões com forma mais ou menos literaria, cheguei a certo ponto em ^{que} me dei de Tom e escrevi:

« Ora pois, am.º Salgado: pelo estilo e ordenação da epistola, tu terás dito já q. eu não sou alegre e boa disposições, espantando-me neste ambiente paudrosista de salgueirais e arrufadas; que a vida me corre serena e afavel; que, enfim, sou o verdadeiro padrão do homem feliz...

« Vais atrás do critério de que o estilo é o homem, se assim pensas.

« Desde que cheguei... Mas para que entristecer mais os outros quando há já tanto motivo p.º tristezas! Aqui estão, com problemas ao redor, para os quais não tenho resolução; quero ler e trabalhar alguma coisa para recreio de espírito e não consigo; as preocupações nascem a todo o momento; e nem ao menos o espectáculo do mundo em guerra deixa antever melhoria para futuro.

«

Ultimamente tenho passado os dias a pôr a tempo um trabalho sobre o Eça de Queiroz que um editor mais que benemerito me quer publicar; não gosto muito da obra porque foi revista um pouco á lufalufa para aproveitar a maré da venda do centenário que dizem ser agora boa.

É' no que tenho entredito agora o espírito e caucado o corpo: a copiar, a copiar...

« Bem, adeus. Os meus cumprim.^{to}
 p.^a tua esposa, etc.

1436

Cóimbra.

Maio: 1

Carta para o Pires Monteiro. E carta
 a sério como se vai ver:

« Ha muito não dou notícias mi-
 nhas. Ando a traços com a copia para a
 imprensa do meu trabalho sobre o Eça de
 Queiroz que a censura, possivelmente, não
 deixará sair; e a traços, também, com um
 estado nervoso intenso que me não deixa a
 cabeça livre p.^a produzir. Contrariedades de
 toda a especie na vida corrente; perspecti-
 vas tristes quer no âmbito em que vou an-
 dando aos trofeços, quer por esse mundo
 fóra. E aqui tem o que me preoccupa e que
 me não deixa tranquilli.^{da} de espirito para
 qualquer coisa agradável; até a propria lei-
 tura me cansa facilmente!

« Mas, adeante. O meu pres.^{to} sempre
 não tem obrigação de aturar os trênos dum
 aborrecido da vida.

« Não sei ainda a sua opinião acerca
 da m.^a conferencia comemorativa da batalla
 de Montijo. Estimaria que visse pela um tra-
 balho a sério. Poderá estar mal architectado

qual deduzido e qual concluído; eu não tenho pretensões á infalibilidade nem mesmo a certo grau de probabilidade; o que intento é levantar o problema e chamar a atenção para a possibilidade de se encontrar a genealogia das idéias — processo cuja invenção (?) os integralistas atribuem ao António Sardinha, mas que eu já conhecia e intimam.^{te} Professava antes deste escrever ser gente.

« Ora exactamente por essa conferencia representar, entre nós, alguma coisa de novo e por tentarmos p.^o nova orientação nos estudos historico-militares, é que eu desejava lê-la na nossa Revista, mesmo que fosse em frente de mais duzia de ovinhos e publica-la no fasciculo de Maio, mês em que se passava o centenário do successo. Lastimo ainda hoje não se ter realizado o meu desejo; e embora a lêsse no Instituto em ambiente categorizado e culto, a verdade é que na Revista teria mais ambiente e talvez mais repercussão.

« Não pôde ser, paciencia. A separata vai para a venda nas livrarias, á espera de quatro ou cinco compradores... civis; na nossa classe ninguém dará por elle, quer individualmente quer officialm.^{te} E creio que a unica referencia em publico será feita pelo velho escritor D. João de Cas.

tro, em proxima cronica no Primeiro de Ja-
neiro. A vida é assim mesmo. E tremem
da vida...

«Antes acompanhei ao cemitério o
velho dr. Costa Lobo, depois de horas passa-
das em casa a acompanhar o filho. Com
todas as irregularidades da sua obra, com
todos os ~~seus~~ defeitos que podesse ter, aqui
tem um homem que viveu acalentando
sonhos, sem desfalecer, absorvido no tra-
balho, muitas vezes alheio ao que se passa
na é volta. Aos 81 anos, queria completar
certos estudos que, para gente nova e forte,
levariam anos. Creio que, dentro de cer-
tos limites foi feliz; e estas considerações
que eu ia fazendo na caminhada para o ce-
mitério, impressionaram-me — pois eu
também tenho andado sempre acalentan-
do sonhos, mas, ai de mim!, ao contrá-
rio dele, sempre esbarrei com a realidade
tão dura e até hostil.

«Pensei em deixar o meu nome nas
listas de inscrições, como representante da
Revista; mas tive receio de não ser esse o
desejo da direcção.

«Bem, basta de lamentações. Desejo-
lhe a melhor saúde e a melhor disposição
p. alguma dose de optimismo, etc.»

Coimbra:

Mais: 13

Ainda o bom Pires Monteiro que respondeu com desculpas e explicações e, infelizmente, com más notícias a respeito do excelente Ferreira Lima. Aí vai no-
va carta:

«... as suas palavras relativas a respeito de doença do nosso Ferreira Lima, leváram-me a telefonar, na tarde do dia em que recebi a sua carta, para casa dele. O que a filha me disse, impressionou-me muito e levou-me a escrever ao sub-director do Arquivo e á minha filha para me darem notícias mais completas.

«Estas, trouxeram-me a certeza do mal e, conjuntamente com o falecimento, quasi ao mesmo tempo, de dois velhos amigos¹⁾ deixaram-me em estado de abatimento e impressionabilidade de que aos poucos me vou curando.

«Ao chegar a esta idade começa-se a sentir faltarem os naturais apoios e a diminuir a paciencia com que se atura a

¹⁾ Calisto Mendes dos Santos, Inspector de Finanças, falecido no Porto em 30 de Abril; e o Juiz do Supremo Mario Soares Duque, em Lisboa, a 3 de Maio.

vida... E então chepa-me a vontade de escrever, de lançar sobre o papel, como tenho lançado, toda a amargura destas horas.

« Desculpe, pois, que, para lhe agradecer a sua carta eu tenha de misturar os agradecimentos com as tristezas e não sei, francamente, se com biles. Todo este dia minha do Ferreira Lima me comove e me revolta; de certo calcula como me contristou e impressionou o conhecimento do facto; mas confesso-lhe que me invadiu, ao mesmo tempo, certo sentimento de repulsa para com esta coisa vaga a que se chama a magniza do Mundo tão mal organizada e a funcionar tão mal.

« Não sinto (descrente como sou de toda a ideia religiosa) a beleza afrescada da Harmonia Universal e a noção causadora de que a Divindade escreve direito por linhas tortas. O que sinto é a dureza da vida, como ela se me apresenta e a certeza da impossibilidade de a adocar alguma coisa.

« Polve Ferreira Lima, na verdade, tão bom, tão honrado, tão trabalhador, quem sabe se perdido p.^o sempre!

« Mas, voltando á sua carta. Eu não quiz, creia, provocar qualquer especie de desculpas; a minha ultima epistola era

certamente um desabafo ou comentário ao correr da pena (não me lembro bem) e nunca pombo de censura ou mesmo pombo de reparo. Teria eu escrito alguma linha ou frase que devia se poder se interpretar? As m.^{as} preocupações são tão grandes que tornam possível que ~~uma~~ a escrita traduza erradamente o pensamento.

«Tenha paciência. A época é própria p.^a Todas as coisas: nada já nos pode surprender. Que vida' mais ainda?»

«Tenha m.^{te} saúde, etc.»

Coimbra.

Junho: 3.

Hoje, promovida pelo P.^e António Nogueira Gonçalves, realizou-se uma modestíssima homenagem ao dr. Vergílio Correia, junto da sua campa no cemitério da Cauchada, a propósito da passagem do 1.^o aniversário da sua morte.

Fóra do pessoal do Museu Machado de Castro estavam: o Antero de Veiga, o architecto Álvaro da Fonseca e eu.

O P.^e Nogueira Gonçalves fez uma pequena allocução, muito mal traçada; o pessoal menor do Museu encheu de flores o espaço da campa; guardaram-se os mi-

uitos de silencio — e eis tudo. Foi simp-
ples e simpática a homenagem.

É o que mais me feriu a atenção foi a
ideia partir do Padre embora o Vergílio Car-
reia fosse livre pensador e ter sido enterra-
do civilmente, por determinação expressa.

Fiquei gostando mais do Padre.

Coimbra.

Junho: 8

Da direcção d' O Tripeiro, do Porto, voltam
a pedir-me colaboração. Os homens não se
esquecem e eu ia deixando passar o tempo.
Respondi hoje, o mais amavelmente possi-
vel, afirmando a m.^a vontade de colaborar
mas neste momento é-me impossível,
etc. etc. as férias do costume.

Tenho paciencia.

Coimbra.

Junho: 9.

Tive que escrever hoje ao velho amigo
dr. José M.^a Cardoso, inspector do Notariado.
Dessa carta destaco estes períodos auto-bio-
graficos que podem ficar:

« . . . Não quero atrasar mais a re-
missão dos dois opusculos, genero bagatê-
la mas feitos a serio e com a intenção de

dar novo rumo ou geito á nossa historio-
grafia militar tão agarrada, ainda, aos ve-
lhos temas e processos.

« Conseguirei eu isso? »

« Sinto que envelheço e me falta a pa-
ciencia e tenacidade com que noutros tempos
reuni elementos para grandes obras que
projectava. Isso já lá vai; agora, noto
tendencia mais p: a contemplação do que
para o trabalho e lastimo não ter feito, na
devida altura, certos estudos que já não
sou capaz de completar. Paciencia.

« Neste momento tenho ainda abran-
do um ensaio acerca das ideias militares
do marechal Saldanha, personalid. obs-
curecida pela politica e principalmente pe-
la sua politica; tenho ha muito vontade de
lhe pôr a claro, a nova luz, as suas quali-
dades de chefe militar e os, para mim, me-
gancios dotes de tactico e de estrategista.

« Mas que quer? Cada capitulo que
escrevo é um trabalho de Hercules; fico qua-
si esalfado, em termos de tomar cumfri-
midos de Fostero Ferrero... »

Etc. etc. E assim a carta seguia, com
larmurias e queixas. Que lhe hei-de eu
fazer senão largar queixas e larmurias?

Crimbra.

Junho: 13

Come o amigo e velho condiscipulo Al-
lio de Sousa Namorado, hoje tripadeiro de
Cavalaria, costume trocar cartas mais ou
menos jocosas. O seu espirito alegre e bem
humorado, em geral, provoca o motejo e
a fantasia de parte a parte.

Ora hoje deu-me para lhe mandar es-
ta grande epistola em forma de copia de uma
papina ou papinas de memorias. E verda-
deiramente o que se chama madureza...
Mas, que diabo! para que queremos a re-
thica que nos bate á porta semas para ser-
mos alegremente maduros?

Segue a copia ou seja a carta:

« Copia. = 25 de Maio. Tive hoje um
frasear, mas como acontece com a maior
parte dos fraseares, acompanhado de volume
alto que me ia dando abalo cardiaco. Sem
ti tocar a campainha do telefone, quando
estava precisamente absorvido no trabalho
de investigar, á luz de documentos de difi-
cil interpretação, como é que Nuno' alvares
no dia de Aljubarrota, coberto de ferro e
debaixo de calor bestial" se aqueceu em

"Bestial vem de bestia, ae, segundo lei-

vertez aquas... Contrariado, porque via
 fugir o fio do discurso, peguei no seu cul-
 tador. — "Atenção a Lisboa..." — Fiquei
 sobresaltado: — "Oh minha Senhora, faz
 favor... por favor... heim?... o que...
 posso saber de onde vem a chamada?..."
 Do outro lado dos arames, uma voz argen-
 tina, alegre, fresquíssima, com vibrações de
 entonação, diz-me simplesmente: "É do
 n.º tal (um numero qualquer que não fi-
 xei) e quem chama é general ou coisa pa-
 recida..." — Fui um lagar no coração.
 Aquella voz tão fina... e depois um gene-
 ral... general!... É o que será a coisa pa-
 recida com um general?... É como a
 imaginação é curral de canelho segundo
 o autorizado D. Francisco Manuel, comecei
 a architectar coisas altas: o Salazar e o
 Santos Costa não se aguentáram com o
 peso das manifestações, nem com o peso da
 amizade e simpatia do País; como todos os
 mortais, quando o peso é demasiado, ar-
 reáram. E aqui estou em arriscado a ir pa-
 rar a ministro, a presidente do ministerio,
 a... O voto foi certado por nova campai-

cero. O Fernando Lopes não usou o termo per-
 que, francamente, era ignorante em latim e
 pouco mais tinha que instrução primaria. Mas
 se o não usou, uso-o eu.

nhada: "Está lá?... quem é?...". O m-
 lresalto transformou-se em alegria, mas
 não gachei para o susto. Era o Alilio de
 Sousa Namorado, velho amigo, a quem o
 meu silencio incomodava. — "Estás bem?
 ainda vives?...". E a voz tinha carícias de
 veludo. O seu cuidado enterneceu-me:
 "Ainda vivo, ainda, e não sei bem para
 quê...". — Como era dia de S.^{ta} Maria Ma-
 dalena não quiz deixar de falar de mim e
 de ter a certeza de que neste dia em que de
 mais a mais se celebra a canonização de
 Rainha Santa, padroeira da m.^a terra e por
 consequencia minha meadrinha espiritual,
 a minha voz era a minha voz, isto é, pelos
 seus próprios ouvidos certificar-se de que
 era eu quem falava e não qualquer disco q.
 o Antonio Ferro, malevolam.^{te}, me audasse
 gravar. Ainda bem! Bom Alilio de Sou-
 sa! Querido Alilio de Sousa!" Como ele
 soube adivinhar que a intervenção que pro-
 vocou, na aridez da investigação a que
 me dedicava, foi como uma brisa fresca
 na secura dum deserto! A conversa foi
 curta; as memórias telefonistas natural-

(1) Suprimo o apelido Namorado, não vá
 a posteridade, ao ler estas memórias e não com-
 prendendo bem a letra, julgar que me refiro,
 disfarçadam.^{te} a alguma mulher.

mente julgaram que eram rapazes novos que falavam e interrompiam para ver se recebiam uma ou outra vibração; mas a palestra e o agrado que ela me deixou transportaram-me p.^o cincoenta e seis (meio século, conta redonda!...) e fizeram-me reviver tempos passados, quando no Mondego havia sinclairais e pelos ares havia ainda o murmúrio de versos que o Eça de Queiroz ouvia encantado muitos anos antes. — Foi nessa quadra distante que eu conheci o Abílio de Sousa, rapazinho modesto e apuradíssimo, atencioso e estudioso, com um vago alheamento de certas realidades como acontece aos que trazem, desde o ventre materno, qualquer centelha que os eleva acima da vulgaridade. Nasceu na fronteira, não magrela tinha convençãonal que separa homens (e mulheres) como inimigos, mas na importante vila alentejana, delimitada sobre a Teiueira Grande, sob a protecção da S.^a da Atalaia. Cedo começou a mostrar tendência para a investigação científica, indo á ribeira caçar patos entre os juncaes; mas com o curso dos liceus que completou em Coimbra é q.^{ue} a sua vocação se manifestou. Foi então que o conheci, nas aulas do liceu, sempre atento ás lições dos mestres, em especial

ao de Física; escolheu, por misteriosa au-
 recipiação dos seus estudos de hidro-dinâ-
 mica, a Travessa do Prego de Agua para lo-
 cal da residencia em casa de certo Feio,
 que aliás tinha duas filhas bonitas. Ali o
 via sempre absorvido por estudos de Fisi-
 ca, alheio até (com admiração minha) á
 graça e á bondade das irmãs Feio. Eu ad-
 mirava-o e seguia-o com a esperanza de
 poder dizer mais tarde que fora amigo e
 condiscipulo dum patrio in herbois — até
 que certo dia ele me confessou modestam.^{te}
 que chegára a conclusões inéditas na obser-
 vação do contacto de solidos e liquidos. Eu
 abri a boca... O Abilio fizera uma descu-
 berta científica! O Borelli e o Vossius q.
 se quizeram meter em tais alturas, to-
 ram uns pobres diabos que pouco adean-
 tarão no assunto; a verdade é que o Feio
 chegou a conclusões definitivas; e es-
 tabeleceu as leis do fenomeno a que, em
 homenagem aos liúdos e abundantes ca-
 belos da sua nova das Feios, chamou
capillaridade. Modestamente, porém, não
 quiz ligar o seu nome a tal descoberta e
 deixou que o Jurin, o Gauss e outros que
 tais se enfeitaram com as honras. — Afri-
 mal, esse rapaz que tão prometedór se
 mostrava nas ciencias físicas, influencia

do, talvez, pelo velho do Prestelo que lhe falava da « gloria de nucaedar » do « fraudulento gosto » e outras coisas ruins, deixou o laboratorio do Prego de Agua e foi para o Exercito. Nunca percebi esse evolucionismo cerebral tão poderoso e tão bem equilibrado; o certo é que seguiu para a Escola do Exercito e ingressou no arvoredo da Cavalaria. Isto daria azo a conpenninações filosoficas se eu tivesse queda para tal; contudo talvez ainda o espirito regado de Sousa o levasse para uma profissão em que as leis do equilibrio não de alta importancia, não já o equilibrio banal da corda bamba que se observa nos circos de cavaleiros, mas o equilibrio que é necessario estabelecer entre os calções e botas altas e o lombo ou dorso dos polipedes. Em fim, o Athilis fez boa figura e o instructor Ilharco disse-me um dia que ele fora, entre todos os seus instruemdos, aquele que melhor soube manter as regras da ciencia de bem cavalgar em opposição á constante e confundante accão das leis da gravidade; e isto só consegue aquelle q. tem a intelligencia afeita ao ripar e á magistade da ciencia. — Depois, o Athilis de Sousa montou muito cavallo e muito égua; andou por varias terras eudo o ultimo

apelido lhe causou um ou outro mal en-
 tendido — jurp. ha gente tão ignára que
 imagina que os apelidos tem conexão in-
 tima com a pessoa. Devi ceutar que em
 Aveiro . . . Mas para que deixo eu aqui
 a historia dos mexilhões? Tambem a His-
 toria não ganhara em saber que na Ar-
 gentina ia havendo tensões diplomaticas com
 o nosso governo quando ele foi á remon-
 ta de cavalos p.^o o exercito; o apelido que
 os jornais impudicamente publicaram com
 a noticia de que esse coronel Ennamar-
rado (sic) ia á remonta nos Paupás,
 deu a extravagante impressão ao mulhe-
 redo que se julgava com direito a ser
 requestado, de que um Principe decau-
 tado, de olhar faiscente e asas transpa-
 rentes ia cair na republica do Brata co-
 mo uma sopa cái no mel. Devi dizer a
 um diplomata do ministerio dos estran-
 geiros que á chegada do paquete em q. ia
 a comissão, o cais de Buenos-Aires esta-
 va afinhado com cerca de 50 a 55 mil
 mulheres que queriam ver e receber o
 Tráfavel. Polve Abilio de Sousa! . . . A
 policia interveiu, mobilizou-se quasi
 uma divisão; os animos acaluaráram-se
 — mas no boudoso Abilio ficou a má-
 qua de não poder fazer a vontade a tanta

gente. Ele, sempre cuidadosamente, atencioso, ansioso de fazer favores! Mas, a História, realmente, não ganhará com tais meândros. — Bom Abílio de Sousa! O telefonema veio fazer deslizar na minha memória todo este filete de recordações; agora, ele é um brigadeiro na reserva, deve ter cabelos brancos se os não pinta para parecer mais novo e honrar o último apelido; mas o que ele não deixa de ser é o mesmo aguçado rapaz de ha cinquenta anos, o mesmo bom amigo, a quem os trabalhos e descobertas de Física e os triunfos diplomáticos no continente americano não deformáram para a vida e para as afirmações de carácter. — Bem haja ele! ~~Eu~~ Gostei imenso de o ouvir e pena foi que pelos fios não lhe pudesse dar um abraço apertado de reconhecimento. Fica para outra vez, como diz a Senhora Minha Neta... » — Está conforme. Coimbra, 13 de Junho de 1945. — (a) B. Diniz. »

« E' ou não é madeiro? Digam lá que não! Mas enfim, quiz deixar uma amostra de que também sou madeiro. Nunca sempre a seriedade!

Coimbra:

Junho: 28.

O Fidelino de Figueiredo volta para o Brasil e mandou-me um cartão de despedida. Respondi-lhe com esta pequena carta, sobria mas creio que decente:

«... Recebi ha dias um bilhete de V... com cumprimentos de despedidas que não agradei logo porque um incômodo de saúde me obrigou a isso. Vai V... movam.^{te} para fóra do País em mais uma benéfica peregrinação e, de certo, em condições honrosas p.^a V... e para todos nós. Desejo feliz viagem e a melhor saúde; e também desejaria que V... se lembrasse, para dar as suas indicações, do que se asinha, com a maior consideração, etc.»

Ainda desta vez o não fiquei conhecendo pessoalmente. Ficará p.^a a volta, se voltar e eu for vivo.

Coimbra:

Julho: 2

Ontem, o Sr. João de Lacerda, actualm.^{te} professor da Faculd.^e de Letras de Coimbra, da cadeira deixada pelo Vergílio Correia, fez uma conferencia no salão da Câmara Mu-

municipal e a pedido da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. A conferencia foi de homenagem ao Vergilio, seu autêntico sôr na cátedra.

Ora este novo dautôr é um conjunto de vaidades muito curioso. Já aqui falei dele, em tempos, quando no Cons.º de Arte e Arqueologia se tratou de uma homenagem ao dr. Joaz.^{mo} Martins Teixeira de Carvalho, aí por 1928 ou 29. Algora, quasi a receber o capelo e a barba...

Uff! Adeante.

A conferencia foi interessante, estava bem arquitetada. Ele, parece, não tem grandes qualid.^{des} de orador nem mesmo de conferente. A voz é irregular, ás vezes pouco compreensivel por qualquer defeito fisico — de modo que, para exipentês, o illustre Arão deixa algum tanto a desejar.

Mas o que me feriu a atençaõ foi o quadro que ele traçou da sua mocidade e do ambiente em que viveu em Coimbra quando estudou na Univ.^{rsid.} Lisougeou, é claro, a Univ.^{rsid.} a «alma mater», a «gloriosa», a «eterna» etc. etc. e ao falar das figuras mais notaveis da academia de entãõ, só se lembrou e em primeiro lugar do Hippolito Razo; depois do Veiga

Situações que meim á baths porque era com-
panheiro de casa do Vergilio, e ainda do
Alberto Mouraz... Por favor, lembrou-se
o Afonso Duarte, dando mais no cravo de
que na ferradura; e assim arrastou a con-
ferencia que, aliás, se ouviu com agrado.

Conclusão: um gajo...

Um outro passo que não quero esque-
cer e me pareceu fora de propósito: ao refe-
rir a persistencia desinteressada do Vergi-
lio nos seus estudos de arqueologia, com o
seu ar sempre alegre e alheio a muitas rea-
lidades, comparou-o ao Sylvestre Bon-
nard, de Anatole France. Ora eu não sei
se a persistencia do Vergilio seria absolu-
tamente desinteressada, isto é, se os seus
estudos obedeciam ao conceito de arte pela
arte; mas o que me parece é que a com-
paração foi infeliz como o bondoso e ingé-
nuo Bonnard... Segundo o meu juizo
este illustre arqueologo se bem que cheio de
bondade e boas intenções, não deixa de ser o
motivo ou tema que Anatole France arran-
jou p.^o ridicularizar os sabios arqueologos
do Instituto de França. E a verd.^e é que Vergi-
lio nada tinha de ridiculo quer na sua ju-
ria pessoa quer nos seus estudos — a que
se entregava com decisaõ e com honesti-
dade.

É possível, pois, que o Arão quizesse mostrar ao respeitável publico que ele, conferente, lêra, pelo menos, um livro de Aesopos...

Paz : Maia :

Julho : 22.

Segue uma carta para o Lourenço Chaves Almeida. A falta do melhor ficaram as epistolas.

«... Já aqui estou ha uns dias e, como é proprio deste deserto, sempre com difficuldade de resistir á ociosidade que me invade quasi de manhã á noite. Lembro-me de que o moralista do Sá de Miranda dizia que a ociosidade é coisa que põe a racha do "1"; o illustre patricio tinha razão mas eu é que não sei como resistir á tentação de nada fazer, acrescida de repetidas crises de sonolencia em cadeiras de repouso, sentindo o ron-ron dum moirão de vento e o sussurro dum pinhal que nos pertence.

« Ora isto sabe deliciosamente, para compensar o pouco gosto que tenho pela paisagem em frente da janela a que me estendo; fechando os olhos com o péso da modorra,

⁽¹⁾ Carta a Pero de Carvalho.

evoco paisagens melhores, desde o Minho ao Algarve, e vejo até alguns recantos minhotos que mais me feriram a retina, vejo a soberba baía de Lagos, vejo os Cantaros da Estrela, tudo cenário para varias vibrações de artista. E aos poucos, até a des-
necer, tudo se esfuma e confunde, em vagas recordações que me trazem uma ou outra saudade diluída pelos anos.

« E aqui tem como o meu João de Ruão que eu tentava ler, com vagar, logo á chapada, foi preterido, nem mais nem menos, pela Dame aux camélias que eu medi na mala por desfastio. A razão da prioridade imposta pela polite travista não sei explicar; nem me interessei pelos estudos do eu, do subconsciente e de outras coisas cingentes agora em moda, de maneira a explicar tal preferência. Satisfeitas, porém, as cócegas românticas e enternecido pela bondade da polite dama das camélias, li com atenção a sua repara-
ta que na apresentação agrada e dispõe-
nos bem.

« Eu já ouvira ter o estudo, já o li em provas, mas a ver^o é que esse conhecim.^o fôra, não direi incompleto mas um pouco ligeiro devido ás interrupções que os comen-
tarios suggeriam e ás sugestões que pode-

riam vir de qualquer passo cujo sentido causasse diversa interpretação.

« Agora, parem, o trabalho está feito e o que está, está. Lê-se, pois, com outros olhos (como já me aconteceu com os tu-
multos) e de modo que a obra ganhe muito. Fiquei satisfeito com a leitura e mais uma vez me regoziquei por ser um dos q. o animáram a escrever as impressões pessoais acerca de assuntos de Arte ainda em pendência; e mais uma vez verifiquei que a história da Arte não se faz só com doutores embora de espírito arguto e de larga erudição. Para a resolução dos problemas é necessário um conjunto de elementos que se não substituem por simples vista apurada; e a sua intervenção melior, meu caro Blau^{da}, embora já se a muito boa gente, nem preencher uma lacuna que havia naquele tal conjunto.

« Não lhe dêam, pois, as mãos! Praticem uma boa acção, saindo com a sua mercadoria; como dizia Alexandre Herkulano, alguém lhe achará o preço. E como o poeta seu amigo⁽¹⁾ também diz: mentiam essas memórias de um ferreiro que m.^{to} terão que contar.

⁽¹⁾ Afonso Lopes Vieira.

« E quem não quizer ler... que não leia.

« Pois m.^{to} obrigado pela oferta do exemplar e se a exposição de ferros se realizar aqui ⁽¹⁾ cá o espero para assistir ao triunfo. E sabe que tem de destinar uma tarde para este deserto: não o dispensei de um jantar pacato, como não pode deixar de ser neste lugar da Paz.

« Cumprimentos, etc. »

Paz: Mafra.

Julho: 23.

Só hoje reparei numa notícia q. meiu no Primeiro de Janeiro de 11 do corrente e que me parece não meiu nos jornais de Lisboa. São interessante me pareceu que a deixo aqui para me lembrar um dia em

Acampamento de alunos da Escola do Exército

Nas margens do Guadiana entre Serpa e Baleizão, está acampado um destacamento de alunos de todas as armas da Escola do Exército, dirigido por oficiais professores de tática e estratégia.

O comando superior é formado por 35 oficiais sob as ordens do major sr. Suplico.

Préviamente convidado, o sr. Bispo de Beja, esteve no acampamento e jantou ontem com os oficiais, e á tarde chegou ali o general sr. Freitas Soares, comandante da Escola do Exército, acompanhado de 20 oficiais que serão hospedes do Seminário de Beja.

As tropas bivacadas seguem hoje para Lisboa.

que me resolve a estudar, com bom humor as relações entre a Cruz e a Espada

⁽¹⁾ Referia-me a Lisboa.

que, como se vê, andam na melhor harmonia. O Seminário é já hospedaria para tropas.

E viva a Folia! como costumava dizer o velho António Augusto Gonçalves.

Paz: Maia:

Julho: 24.

Nos jornais de Coimbra que hoje me chegaram aqui com atraso, vem, de chapa, a nota officiosa dada pela direcção de O Instituto a respeito da reunião da mesma na qual se tratou do novo presidente e do plano de trabalhos do prox.^o anno escolar.

Nessa nota officiosa diz-se que a colaboração da revista tem aumentado muito e a serie de conferencias culturais recommençará no prox.^o anno « podendo já assegurar-se as conferencias do command.^{te} Alvaro Moura e do coronel Belis.^o Pimental. »

E termina por anunciar a vinda de « individualidades estranhas » ilustres nas ciencias e nas letas » etc. etc.

Esta m.^a annunciada conferencia será a comemorativa do centenario de Esq. de Siqueiros.

Mas tudo isto tem muita pitheia! Se eu fosse a contar o que se passa nos bairros!...

Este Instituto de Coimbra vale muito dinheiro... A historia da instituição, nestes ultimos annos seria coisa muito curiosa de contar. Eu é que não tenho paciencia para isso, mas a historia não perderia com a narrativa.

Paz: Mafra:

Julho: 25

Ha dias, inaugurou-se, no Porto, o Congresso Nacional do Apostolado da Oração que deve ser coisa de certa transcendencia. Nesse dia, que foi o de 11 de julho, o cardeal Cerejeira deu entrada poleme na cidade e foi recebido na Câmara Municipal com todas as honras. O Presidente, que é o professor Luis de Pina, catolico muito graduado, deitou fala como era natural; e de essa fala recorto este passo:

O sr. prof. dr. Luis de Pina, ao usar da palavra, e depois de, em nome da cidade do Porto, saudar o sr. Cardeal Patriarca e os Arcebispos e Bispos all presentes, afirmou: — «Jubilosamente o burgo vos acolhe nestes Paços, casa que á Igreja pertence e que á Igreja voltará um dia, em digna e justa reversão, trinta annos esperada».

Ante-ontem notei aqui a boa harmonia reinante entre a Cruz e a Espada. He isto a que reina entre o velho burgo do Porto (quem tal diria!...) e a Igreja.

E com que confiança falau!

Um outro caso que notei em Mafra nas poucas conversas havidas e ouvidas: a retribuição que ficou da vinda a esta terra da ex-rainha D. Amelia.

Aqui ainda se vive muito das tradições monarchicas, e ainda ha por cá alguns sebastianistas. De modo que a visita régia foi um enorme gaudio para a maior parte da gente.

O proprio presidente da Câmara, o capitão João Lopes que ao tempo da Monarchia era 1.º cabo na Escola Pratica, parece ter ficado com todos os reis na barrica...

Enfim, foi um todo aos polvos a q. Sua Magestade correspondia graciosam.^{te} com um « até terêue!... » significativo.

Paz : Mafra.

Julho : 27.

Os jornais annunciam clamorosam.^{te} a vitória dos Trabalhistas em Hyplaterra.

Foi, na verd.^{de}, enorme vitória. Que resultado dará para a Europa e em especial para nós, essa reviravolta na politica implora? Chegar-nos-ha qualquer effeito?

Ha m.^{ta} gente esperancada. No entre tanto a vitória dos Trabalhistas sempre

representa uma vitória do Colectivismo po-
bre o Individualismo — e isso trazer-nos-
há qualquer benefício?

Não sei. Vamos a ver.

S. Julião da Barra: Feitória do
Colegio Militar.

Julho: 31.

Colhi aqui a curiosa versão das razões
da vitória eleitoral trabalhista em Hyplater-
ra: foi o ditador russo Estaline que con-
gruou o eleitorado ceplês, que inundou de
siro os ~~trabalhadores~~ classes trabalhadoras e
daguei assim o triunfo!

É claro que este ambiente da Feitória
é perfeitamente conservador, ultra-con-
servador, até. O proprio director do Colegio
D. Luis de Costa de Sousa de Macedo diz
mesmo que a guerra vai recommençar
agora...

Não admira, pois, que se dêem ao di-
tador russo as honras de cacique eleitoral
na Hyplateria.

É são as senhoras quem mais ami-
quadamente espalhe e lastima o extra-
nho successo. Dá-me a impressão que obe-
decem a qualquer ordem ou indicação fa-
ra insistirem no assunto.

Paz : Maíra :

Agosto : 6.

Continuam os jornais da Ordem e do Estabelecido a gritar que não há novidade, que os trabalhistas ingleses são boas pessoas e que tudo continuará na mesma boa paz e rotina.

Porém, lá por fora, não se diz o mesmo. Para amostra fica aqui uma cópia de uma palestra do comentarista da rádio de Nova York a respeito da conferência de Potsdam : « Finalmente, o melhor princípio "enunciado no comunicado está no seu "completo apoio á liberd. de Imprensa, de "opiniões, religiões e das actividades dos sindicatos operarios. Estes direitos são a "base aypular da pratica democratica e o "melhor de todos os preságios p.º o Mundo "no periodo do após guerra. »

Isto deve soar mal aos ouvidos dos nossos homens da Ordem e do Estabelecido : liberd. de Imprensa, liberd. de opiniões, liberd. de ~~opiniões~~ religiões e dos sindicatos operarios ! Que enormidades q. a censura deixou passar !

Estará a censura já demoralizada ? Estarão os nossos homens um pouco atarantados ?

45

Paz: Mafra:

Agosto: 11.

Nos jornais vem o discurso do presidente Truman, feito ao chegar á America. Diz certas coisas que me admira a censura não cortar. Até o retrato de Estaline já vem publicado!

Paz: Mafra.

Agosto 14.

O Sr. Santana Dionisio mandou-me o 3.º vol.º do Guia de Portugal em que vêm os meus artigos acerca de Miranda do Corvo, da Pauperrilha da Terra e de Boialvo.

Porém, quanto a pagamento da colaboração, nada! Extranei o silencio e o mais amavelmente possível escrevi-lhe acerca do caso. Espereimento? Terminava a carta com as desculpas do costume e a pergunta: «Estarei eu a ser im-
"cavelmente e a mostrar-me estúpida-
"mente interesseiro?»

Vamos a ver.

Paz: Mafra.

Agosto: 15.

No Primeiro de Janeiro de 8 deste mês vem um artigo do D. João de Castro com o titulo Um português de notora no Brasil

no real ~~o~~ o autor se dignou fazer li-
geiríssima referencia ao meu trabalho so-
bre Matias de Albuquerque.

Esperava outra referencia, valha a ver-
dade. Não se quiz ~~retractar~~ retractar, como
bom jornalista,
que é e deixou a
simples referen-
cia que fica no re-
corte ao lado.

E depois, per-
mie-me de pre-
texto João Fer-
nandes Vieira
a proposito do 3.^o
centenario da
accção de 3 de Ago-
sto. Mas, enfim,
poderia ser pior. E como não quiz mos-
trar qualquer despeito, escrevi-me uma fe-
zeca carta de muito agradecimento.

E pronto.

Hoje chegan-me um convite d' O
Instituto de Coimbra, assinado pelo dr. An-
selmo Ferraz de Carvalho para eu falar em
uma sessão de homenagem que a insti-
tuição quer fazer á memoria de Antão
Augusto Gonçalves, em Novembro prox.^o

Quem era? Poucos ignorarão o seu nome: João Fernandes Vieira, o «Castrioto lusitano», conforme lhe chama-ram. Nascido no Funchal 32 anos antes, esse novo David levara para o Brasil, no alvor da adolescência, a fé e o espirito de aventura que na sua ilha natal tinham sabido conservar como herança de honra, desde o século XV, os descendentes dos primitivos donatários. Já residia em Pernambuco em 1630, quando os holandeses, expulsos 5 anos antes da Baía, tinham tentado e conseguido invadir, com grandes forças de terra e mar, a florescente provincia. Mocinho, com 17 anos apenas, apresentou-se então a Matias de Albuquerque, alistando-se, por sua ordem, na «bandeira da Nobreza»; e foi elle verosimilmente, um dos que constituiram aquelas «escasas dezenas de companheiros» que (como refere o illustre escritor militar, sr. coronel Belisário Pimenta, em um dos seus preciosos trabalhos sobre o vencedor d' Montijo) o grande general português encontrou junto de si na hora extrema do perigo.

Porque é que O Instituto vai promo-
ver tal homenagem? O dr. Ferraz de Car-
valho será sincero; mas os outros directo-
res o que pensarão?

Paz: Maia.

Agosto: 16.

Mandei hoje officio para O Instituto de
Ciência com os meus agradecimentos pelo
cumprimento e com a afirmação de que aceitava
o encargo. E pedia certas informações a
respeito do tempo concedido para falar e a
respeito dos aspectos pelos quais seria enca-
rado o homenagem e a sua accão em Cim-
bra.

Paz: Maia.

Agosto: 30.

Está vai uma grande carta para o Lau-
renceo Chaves Almeida. E como relata va-
rias coisas da vida, aí fica na íntegra para
compensar estes largos intervalos em que
nada escrevo.

«... Muito obrigado pelos meus cui-
dados. Felizmente ou infelizmente « cá eu
"vivo e pão sou" como diria o neto e bom
Fernão Lopes. Voltei da Feitaria satisfeito
com aquelle rosário de jóias recatada, eu-

colhida á sombra da noturna fortaleza de S. Julião da Barra, de seus tristes tradições, e retemperado com o bom ar do mar que ali aparece sem violências.

«Cruzando por lá ainda⁽¹⁾, acompanhado da metá, não pensei no que me passava pelo mundo, ainda cheio da fumaça da e da saupreira da guerra; ficava-me a olhar para a torre do Bugio, muito perto de si, como fortaleza de palácio provincial — e lembrava que homens de letras, por crimes de pensamento ali pensaram, assim como nas vizinhas casamatas da fortaleza. Coisas que aconteceram a quem pensa pela sua cabeça...

« Ora antes de ir adiante em divagações, vou dar-lhe uma bela notícia que por ora será conveniente, talvez, não divulgar muito: na véspera de ir para a Feitoria recebi um officio d' O Instituto de Coimbra convidando-me para usar da palavra numa sessão que vai promover em Novembro proximo, de homenagem ao nosso Ant.º Augusto Gouveias. Fiquei um pouco admirado mas respondi logo accedendo. É possível que calcule as razões da sessão; lá conversaremos a esse res-

⁽¹⁾ De 29-Julho a 1-Agosto

peito — mas oxalá o dr. Augusto Ferraz de Carvalho, agora Presidente, não apresente alguma rasqueira que o obrigue a adiar siue dia a homenagem.

«Vamos a ver.

«Falaram também o Costa Rodrigues, o Araújo de Lacerda e provavelmente o Costa Mota sobrinho.

«Recebi o original que me mandou descrevendo o sonho que teve, acordado, em Cantanhede; aiuda é, meu caro Amigo, uma das melhores consolações da vida: pôr achar acordado! É mal de quem não sonha! É interessante que o seu foi dominado pelos tumultos alcoolicenses — justa obcecção de artista. Também sei o que isso é; cada qual faz (como creio ter lido em Anatole France) o sonho da sua vida conforme o seu temperam^{to} e as suas tendências.” E achei realmente curioso que fosse a essa vila da Bairrada ver a origem das grandes obras de arte de Alcobça. É realmente assim seria; ali se procurou legalizar a união dos dois amantes — e dessa legalização veio o direito aos meiramentos reais. Muito obrigado pela copia que affueci e guardarei.

⁽¹⁾ Le crime de Sylvestre Bonnard, pag. 37

«Zalio tem escrever ao sabor da fantasia. Eu, muitas vezes sinto tentações de me pôr a rabiscar coisas, a deixar largos rãos de imaginação no papel, a contar sonhos que me passaram pelo cerebro... Mas, ao mesmo tempo, se levo a mão á cabeça, sinto que estou quasi calvo, lembro-me de que vou a cair para a velhice e de que, quem sabe? poder-se-hia no futuro tornar tudo isso como symptoma de senilidade. Suero crer, parem, que se teimar estupidam.^{te} em viver, e quando completar estes estudos que agora me occupam, me lançarei, tambem, a organizar memorias — não porque a minha personalid.^{de} valha esse trabalho mas porque passei por muita coisa que outros não sabem e porque não será mau conhecerem-se algumas ideias que me tem guiado.

«enfim, haja saúde! como diz o povo. Aqui estarei ainda mais algum tempo, talvez o mês de Setembro, se a terrivel falta de agua nos não obrigar a sair mais cedo. Irei ainda uns dias a Lisboa e depois regressarei a casa onde tenho que resolver problemas e preparar devidamente a conferencia pelo centro rio do Esq de Sueiros e a outra de home rapem ao nosso Gonçalves.

« Esta ultima, então, dá-me enorme contentamento e, francam.^{te}, sem basofia, certo orgulho. Oxalá eu conseguia pair-me bem. Lá irei mostrar-lhe o plano e ouvir-lhe qualquer sugestão.

« Tenho visto os seus artigos no Despertar. Achei muito bem que encorajasse o João Machado; o rapaz é serio, não tem embólias e procura aperfeiçoar-se. É justo que se lhe dê um encontro amigavel. Eu mandei-lhe um bilhete, com parabens pelo altar de Cantanhede q. não cheguei a ver completo.

« A visita do actual general á sua officina, como me anuncia, não honrará nada a officina nem o artista. Sua Ex.^a é uma besta chapada, salvo o devido respeito pela estrelas...⁽¹⁾ Mas nada de má lingua e de infracção de regulamentos...

« Até lá, a essa Tourim - Tebáida. Com meus cumprimentos, etc. »

Paz : Mafra.

Agosto : 30.

Os jornais trazem hoje a noticia da escolha de mais coronéis para brigadeiros. Oh Supremo Architecto !... Como eu estou

⁽¹⁾ Era o Nogueira Soares.

riçado! e bem riçado! Flaverá, realmente carencia de honores ou só se escolhem p.^o o generalato creaturas semis, causas que fazem o que lhe mandam e para pouco mais pensam?

Leis que estão bem riçado... Que utilidades! que utilidades!

Para que gastar mais tinta?

Paz: Maíra:

7 de Setembro: 7.

O Mario Meudó, Brazão que eu tive como alferes em Inf.^o escreveu-me uma carta curiosa com a historia da sua exclusão do curso do Estado-maior. A carta merecia uma resposta, pois o rapaz, desde Leiria, ficou-me dedicado e conta-me sempre a sua vida.

Eis a resposta que é bem merecida e reflecte bastante a m.^a maneira de ver a respeito do Estado-maior entre nós:

«... Leis que apreciarei muito a sua carta não só pela prova de amizade como também pelo desabafo que quiz ter com um velho comandante.

« O que me conta, se bem que estranho, não me admirou. Como tenho visto muita coisa, já não corro a foguetes, co-

meo diz o Povo. Mas o seu caso interessou-me sinceram.^{te} pois me habituei a considerá-lo, tal como o conheci no 7, official com qualidades apreciaveis ainda não desenvolvidas, evidentemente, porque era novo e chegado das Escolas, mas já reveladoras de capacidade futura.

« Os mestres entenderam que não era tanto assim e na sua alta sabedoria veriam entendido bem e eu, pobre diabo medido ao canto, ter-me-ia expellido como, aliás, tanta vez me tem acontecido.

« Afinal, tudo isso que lhe aconteceu e que me conta com tanta simplicidade, nem em grande parte do conceito q. entre nós existe do que deve ser o Estado-maior. Como estou aqui, longe das m.^{as} notas, não cito certas affirmações que terei arquivadas, de certo, em Coimbra; mas o conhecimento que tenho do caso, embora superficial, diz-me que o conceito que se tem do Est. Maior é o de um grupo de escol, um conjunto de super-homens, omniscientes, para quem a simples conclusão do curso dá direitos de superiorid.^{de} completa e indubitavel sobre todo o resto da officialid.^{de} portuguesa. As palmas e corações são como em Coimbra o capelo e a barba deitorais: moli me laupere, a Sabedoria sou eu!

« O programa do curso assim o quer
 dizer. E o que é que se vê lá por fora?
 Parece que coisa bem diferente... O Estado
 Maior não é omnisciente: é um serviço
 do exercito como outros qualquer, por sinal
 que discursos, quasi anónimos, sem preparos
 de fama eterna; trabalha no seu trabalho
 e não se refere ao trabalho dos outros.
 E se atentar-mos bem no que se vê lá por
 fora, não se exige ao Est. Maior a faísca
 do Génio, o quid divinum que ainda as
~~as~~ nossas escolas superiores militares
 pareciam exigir aos seus alunos. Ainda
 perdura a teoria das reflexas, tal como na
 canção popular minhota

« Tenho catarro nas unhas
 E reflexas nas orelhas... »

« Eu servi por lá muito dias e de mim
 para mim ria - me com vontade.

« Ora isto levar-me-ia m.^{to} longe em-
 bora me podesse tornar suspeito por ser,
 até certo ponto, vítima do Est. Maior que
 me considerava incompetente para tripa-
 deiro. Mas a verd.^{de} é que domina ainda
 muito a opinião pessoal e o criterio de es-
 colha está, infelizmente, muito longe de
 ser elevado, de ser isento de preconcei-
 tos e de certos vícios mentais que nos de-
 minam até agora, de se sentir livre da

obscuridade nas ideias e da vacuidade das construções a que se poderão dar o nome de românticas, é falta de saber ter um qualquer.

« Aqui tem, meu caro Trásas, algumas rápidas considerações q. seguida leitura de sua carta me supere; neste sossego da aldeia e em dia de calor noturno como hoje, era capaz, sobre este tema, de escrever folhas e folhas de papel... É talvez que as escrevesse com mais alguma coisa q. não fosse só verbalismo sem consistência. O meu Am.º tem a consciência tranquila e deve ter, também, dentro de modestia e humildade, a consciência do que vale. Já não é garotinho de 16 anos que sonha com grandezas abstrais e a experiência de alguns anos, embora ainda pequena, deve dar-lhe um pouco da medida necessária para se avaliar.

« O seu aparente acanhamento não me parecia ser falta de resolução mas talvez tendência para reflexão e ponderação que julgo serem qualidades necessárias para um oficial do Est. Maior; e esse caso do cambóio que os mestres arvoraram em test é bem característico da mentalidade dirigente no nosso exército. Talvez eu esteja em erro. Aqui, neste isolamento

lô, pode ser que o mundo seja visto por prisma errado.

«Não vá abaixo com isso, meu caro Brazão; mantenha o seu afrecho habitual e, pela vida fóra, procure mostrar q. vale tanto ou mais que os mestres que o quizeram desclassificar dum carreira que verdadeiramente não goza entre nós e com alguma razão de classificação muito alta.

«Os nossos cumprimentos, etc.

Paz. Maria

Outubro: 9

Uem mês inteiro, aqui, sem qualquer pretexto para notas. Apenas a venda de uns milheiros de achas de pinho e o concerto dum muro de redação dum fazenda. A materialidade da vida.

Ora hoje escrevi uma carta ao Tomás da Fonseca, pedindo notícias e dando notícias. Li com atenção os jornais de ontem e ante-ontem, cheios dos triunfos políticos do grande homem que nos governa e nos vai ensinando a viver.

Ante-ontem foi o caso de Timor que em nota officiosa se tentou explicar para os parvos; ontem foi o grande discurso em q. o homem explica a sua atitude politica.

São dois monumentos à Memória e perfeitos; só a Camp.ª de Jesus faria duas obras assim. Por curiosidade, não resisto à tentação de deixar aqui uns trocadinhos de ouro.

A propósito dos princípios fundamentais da organização constitucional e social têm este arrojado:

«Nisto mostramos disposição de animo mais resoluta e liberal q. a maior parte dos nossos democratas, acerca dos quais podemos com afeição assegurar ficarem m.º a quem de nós tem confiança nas urnas acerca da definição de um problema político fundamental.»

Mais adiante, a respeito da opposição que se tem no País, aconselha com magna simpatia já que a falta de liberdade de expressão do pensamento não deixa fazer juizos:

«Aos que não puderam ainda fazer nos juizos, nem ás intenções nem aos actos, em aconselharia se regozijem ao menos com os resultados e deixem á História o julgamento definitivo.»

Depois, entrando no problema das próximas eleições, acha bem que apareçam opositores e afirma com finura jesuítica:

« É porque somos de opinião de que se não pode governar contra a vontade persistente de um povo, este dirá se deve mudar-se de sistema. »

Que velhaco! É por isso que vai haver liberd.^{de} de apresentação de candidaturas como se vai ver:

«... e se as pessoas apresentadas ao sufrágio, pelo facto de representarem altos valores mentais e morais ou constituírem mesmo verdadeiras autoridades sociais que tão lamentavelmente vão desapparecendo no nosso tempo e na nossa terra, forem superiores aos candidatos da União Nacional será até vantajoso que a Nação os prefira. Farei apenas uma restrição — é que se dispam do seu facciosismo, se o têm; do seu espirito de partido, se o conservarem; das suas ideias feitas, porque nada disso interessa ao País, se melhor, ao País interessa decisivamente que nada disso ressuscite. »

É claro ou mais claro que a água. Lembra-me aquele ditado de um Xé Manuel de uma cena cômica de m.^a infância que dizia para o pai que se opunha ao casamento:

— Eu caso com quem Vocenceê quizer contanto que seja com a Margarida.

Estávamos agora na mesma. É como se pudesse julgar, por algum momento, que iria renunciar ao poder, declara com desvanecimento perante a inveja dos países estrangeiros:

« É tudo nos conduz á mesma conclusão — esgotar, se é possível, toda a potencialidade de uma situação não partidária e racional que os povos, retalhados na sua carne e divididos no seu espirito, nos invejam e nós — tão cegos ou tão desmembrados! — não sabemos, por vezes, apreciar. »

É quasi no fim, como afirmação dos princípios:

« É um dos princípios do regime que fielmente adopto e sigo, não haver nunca razão contra o Chefe de Estado, o que significa terem os problemas políticos só um arbitro supremo a cuja decisão esclareci-

da, todas as forças ~~estabelecidas~~ obedecem.»

Mas... para que estou eu aqui a gastar tinta e tempo? O discurso é, no veri, um monumento de valor para se julgar o homem e o regime. Mas nem nos jornais e é escurado mais retalhos. Estes bastam p.^o triste recordação.

Par. Mafra.

Outubro: 14.

Recebi, ontem, um telegrama que dizia assim: « Grupo amigos roga V. fazer chamada telefônica hoje para o 2232 Coimbra até às 20 horas (a) Ferreira de Costa. »

Muito deliberadamente, não fui à visita fazer a chamada. Hoje, às 10 h. e 30 m. recebi outro telegrama: « Confirmo telegrama sua de ontem (a) Ferreira de Costa. »

Pausadamente escrevi uma carta ao dr. Ferreira de Costa, medico, em que me desculpava com a distancia a que estou e com incómodos de saúde. E acrescentava que, calculando os motivos dos telegramas, entendia que o momento politico é para os novos e não para velhos « caçados e cepticos aos quais se poderá dar o nome de jarrões... » e concluia: « não

quarenta annos de experiencia que me fa-
zem falar assim. » E com agradecimen-
tos fechava amavelmente a epistola.

Trata-se, com certeza de eleições. Não
estão dispostos a mais desilusões. Além do
isso não acreditam na seriedade do governo.
A afropada liberd.^{de} das urnas deve ser a
maneira de descobrir se estão os inimi-
gos seus, ao mesmo tempo, com meios de
os atacar ou inutilizar o seu valor. Com
a Companhia de Jesus não ha que fiar e
a luta, nas actuais circumstancias, é,
nem pode deixar de ser, m.^{to} desigual.

Toda esta afropada liberd.^{de} deve ser
marosca — e das finas.

Vamos a ver.

Paz: Mafra.

Outubro: 15

Final, aqui, neste deserto, ignorava
o que vai por esses arraiais politicos. In-
tém, fui á vila e lá me informáram da
quasi reviravolta que se deu com o caso
das eleições proximas.

Ha, na verd.^{de}, por todo o país um en-
tusiasmo curioso com que os ditadores não
contariam. Mas de que serve esse enthusias-
mo? Estarão convencidos de que o Sala-
zar deixe cair das mãos o mando sobre

mo? Será para o pôr entre a espada e a parede e deixa-lo mal colocado perante o estrangeiro se não ceder, ele que está dando toda a força á fuzgida maquina liberal?

Não creio que ele ceda e esta agitação vai ser mais um desastre. Bem se importa o estrangeiro com o que por cá vai se pôr de comer à vontade e sem incomodos? Dizeu-me que a emissora de Moscovo ás vezes larga a sua ameaça aos ditadores portugueses; mas eu não ouvi e nem sempre acredito nesse genero de informações.

Temim, o que for poará. Mas não poará coisa boa.

Paz : Mafru :

Outubro : 16.

Deu-se o que eu não esperava nem desejava. Ontem, em Coimbra, houve reunião publica no Teatro Avenida, perante enorme multidão que, em parte, teve que ficar cá fora por não caber na sala.

Dessa reunião a que presidiu o dr. Arnaldo Torres de Carvalho saiu eleita, por aclamação, uma comissão executiva composta por certo numero de individuos cujos nomes os jornais indicam e á frente dos quais meo o meu. São eles : o advogado Neves Rodrigues, o professor dr. Alberto Mar-

Clus de Carvalho, o dr. Diriz Jacinto, creio que professor de ensino livre; o Baeta de Campos, dono dum collegio; o contabilista Gil vis Sêco e dois individuos que não conheço, Gil Roque e Luciano Marques dos Santos que usualmente operarios.

Não gostei da noticia. Parece-me que eu deveria ter autorizado primeiro a inclusão do meu nome. Deveria ser por isto q. o dr. Ferreira da Costa queria falar comigo telefonicamente. Mas que diabo! não se lança assim um nome sem consentimento devido.

Eufim. Continuo na disposição de reagir. Não tenho já ilusões. Por carta do Armando Macedo sei que o meu nome tem sido muito lembrado nas conversações realizadas anteriormente. Mas... quarenta annos de experiencia não me tentam agora a recommençar — de mais a mais quasi velho.

Paz : Mafra.

Outubro : 17

Escrevi ao Armando Macedo, em resposta a uma carta dele na qual me falava nas eleições proximas e no caso do meu nome ser falado p.^a comissões de propaganda, de organização e mais não sei quê.

Deixo aqui apenas extracto, o relativo ao assunto q. agora preoccupa.

« O que haverá? o que não haverá? pensava eu, longe como estou, quando na vila me caiu nas mãos o relato do que se passou no Centro Almirante Reis em 8 de Outubro. Compreendi então: nesse dia, já tarde, recebi um telegrama (. . . .) e escrevi uma carta lembrando que neste momento o que se quer é energia, decisão, sangue quente — e que os cansados e cépticos como eu são apenas jarrões com algumas tendências p.^a conselheiro Acácio . . .

« Esta é a verdade, meu caro Macedo: os contemplativos só servem p.^a olhar para os astros e não servem para ver o que se passa na terra; e quando se dá a circunstância de olharem p.^a a terra, não agradam muito aos outros.

« A carta foi no domingo; não tive mais notícias. Outrem, nos jornais, vejo o meu nome á frente duma comissão executiva sem que eu tivesse autorizado eu, pelo menos, recebido simples consulta. Confesso-te francamente e aqui para nós, q.^o não gostei.

« A maior lição, porém, vem do facto de se utilizarem jarrões — e esses mesmos, segundo me pareceu, um pouco ad hoc, sem grande coesão com os elementos novos aliás valiosos.

« Depois, cheguei a tua carta: o meu nome era indispensavel para conseguir que tudo corra com ordem e disciplina, etc. Vejo por isto que tambem tu caístes em achar bem o emprego dos « conselheiros de acios... » Hoje, porém, os jornais da a noticia que eu sempre esperei, da recusa do ex.^{mo} Governo ao pedido dos comissionados do Centro Almirante Reis. Era de esperar. E agora, meu caro, não será occasião de pensar se tudo isto não será manobra da Companhia de Jesus para experimentar o inimigo, uma tactica que se usa m.^{to} na guerra quando se não conhece bem a força do adversario? »

« É certo que a simples amostra daria algum resultado — mas a subtil habilidade da Companhia saberá triunfar. O meu cansaço e o esgotamento dos 66 annos é o que, infelizmente, me segredam a boa paz. ~~mas~~ Pode ser que este isolamento me não deixe bem ver o que se passa. E antes assim seja. »

Paz: Maia.

Outubro: 18

Parece-me que continuo com razão. Os jornais de hoje trazem nota officiosa do Minist.^o de Guerra, acerca dos officiais que apparecem nas reuniões electorais

oposicionistas; e trouxe a noticia de que o presidente Carnona recebeu os commissarios do Centro Almirante Fleis, que os tratou m.^{to} bem mas disse-lhes que se não queria meter no assunto...

A representação foi lida pelo Lima Alves; está bem feita e tem que se lhe diga. Realmente o Governo está apertado entre a coudescendencia que o pode perder e a violencia para terminar com a agitação — e será, com certeza, por este caminho que ele vai seguir. Não podia deixar de ser.

Mete-se na cabeça de alguém que o Sr. Lázaro Larga isto? O Botelho Moniz, disse em Fafe, ante-ontem, que já estava a perder a paciencia... Deve estar.

E teremos em breve as consequencias dessa paciencia perdida.

A nota officiosa a q. acima me refiro é, como não podia deixar de ser, ameaçadora e insolente. E' ler os jornais e não se fiar no meu criterio de incaufarmista.

Paz : Maia.

Outubro : 21.

Hoje, na vila, um grupo de oposicionistas que vai celebrar na prox.^a feira, 24, uma reunião de propaganda, convidou-me, com certa solemnidade, para eu presi-

dir á mesma. Fiquei aborrecido com o pedido, feito de surpresa, tanto mais que o grupo era formado por gente estimavel e boa. Recusei-me conforme pede, mas vi nas expressões um ar de duvida que me incomodou. Ficaram a pensar em que eu eu teria medo ou estaria a caminho de conversão.

Ao mesmo tempo vim de mal comigo mesmo: porque não disse que sim?

Mas... eu não quero aparecer, não quero que se lembrem de mim! Eu queria desaparecer de vez e apenas observar de casa os successos sem que alguém suspeitasse da me^a existencia.

De onde virá este meu desejo de esquivamento? Será das desilusões, do cansaço, do escepticismo? Talvez tudo junto e ainda da impressão de que os homens, em grande percentagem, não são bons e de que é excusado o meu esforço no meio deles.

Ha quarenta annos que me movim^{to} por entre casos destes: parece, parece, que só recebem. Reconheço que não sou feito para essa movimentação.

Chega tarde o reconhecimento, mas conforme a sabedoria popular, mais vale tarde do que nunca.

Pa: Mafra:

Outubro: 24

Ainda as eleições! É naturalmente combinarmos a dar que falar.

Escrevi hoje ao advogado Neves Rodrigues, em resposta a carta dele, muito amigável e correcta. Entre outras coisas dizia-me:

«... a indicação do meu nome, embora com a melhor das intenções, deve ter vindo de alguém que me não conhece bem, especialmente no estado actual de cansaço e scepticismo. É que eu estou já fãra de toda a actividade politica e poderei dizer que até fãra de moda... É este estado de espirito deve ser pouco favoravel para campanha que necessita actividade e optimismo. Mas, enfim, lá exparei as minhas razões, etc. etc.»

Quando voltar p.^o Coimbra descartar-me-ei o mais honradamente possível.

Escrevi tambem ao dr. Ferreira da Costa, agradecendo uma carta que ele me mandou; dizia-me, como ao Neves Rodrigues, que no meu regresso exparia as minhas razões e que o meu nome fãra m.^{to} mal escolhido, etc. etc.

Paz : Mafra :

Outubro : 27.

Os jornais de hoje trazem extractos do discurso de Bevin, ministro inglês, na Câmara das Comunas. Falou claro e com inteligência. Entre outras coisas disse o que aí deixo, em recorte que parece carapuceado para nós portugueses:

Depois disse: «Desejo que existam na Europa Parlamentos semelhantes a este, onde se possa discutir livremente qualquer problema, principalmente nos países da Europa (aplausos). Há duas espécies de fome na Europa de hoje: a fome física e a fome espiritual. Eu, às vezes, penso que uma certa ocultação de luzes sobre a Europa está criando uma grande fome espiritual, mais devastadora ainda do que a fome física. Se os outros países tivessem Parlamentos livres e o povo pudesse manifestar-se livremente, teríamos muito maiores facilidades em construir no futuro um Mundo melhor.»

Está tudo muito bem; mas ao mesmo tempo que disseu isto não protejeu o amigo Salazar. Pelo menos, assim parece. Bevin, mais adiante disse:

« Os países que estiveram sujeitos a ditaduras durante vinte anos, perderam o sentido das responsabilidades e a facultade de tomarem decisões. »

Realmente assim deve ser, mas em Portugal o caso é diferente. Deixassem o País manifestar a opinião, talvez apparecesse gente capaz de tomar responsabilidades.

Mas, enfim, a comédia continua e continuará.

Lisboa.

Novembro: 3

Fui hoje apresentado no Chiado, á esquina da Livraria Sá da Costa, pelo Pintar Guilherme Felipe, ao muito ilustre Rocha Martins e ao coronel Lelo Portela. Apresentações de acaso, e' claro.

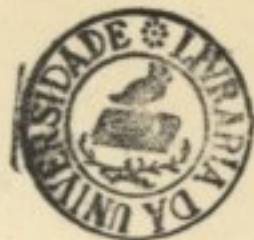
Verifiquei pela conversa que se seguiu que as hostes liberais andam entusiasmadas e convencidas de vitória sobre o Governo. Oxalá assim seja.

Mas eu não creio. Continuo céptico e acreditando em que o Governo eu, antes, o Salazar, continua empodermido, sem ver o que vai pelo mundo e convencido de que poderá manter-se assim, em ditadura, numa Europa batida pelo renascimento da Democracia.

Os dois jornalistas não me convenceram; eu continuo a perguntar o que é que o Salazar pensará? Que intenções secretas e tenebrosas haverá por detrás do seu silencio, enquanto os satélites se esbofiam em proclamar a grandesa da sua obra? E o que sairá de tudo isto?

Eu continuo na minha: ando a Campanhia de Jesus Tralalhe, difficilmente se reage e se combate.

Em todo o caso... vamos a ver!



Lista:

Novembro: 8

Ontem, gente que se julga bem informada, dizia que o Supremo Tribunal Administrativo daria razão ao recurso apresentado sobre eleições e que estas seriam suspensas; acrescentava-se que esta solução era a única que, por agora, resolveria o tico sem perda em que o Governo se metesse; que seria excelente pretexto para apregoar no estrangeiro a soberania da Lei e a submissão do Governo á mesma Lei; q. o tempo ajudaria a resolver o problema com todos os malefícios que a Campanha de Jesus usa para dissolver...

É possível. É mais uma vez a Democracia ha-de ser comida e subjugada sob os auspícios do grande Democracia inglesa que protege a mendiga partidaria.

Hoje, os jornais trazem uma carta do cardeal Cerejeira acerca dos deveres dos católicos perante as eleições. Que trapalhagem! Já não é a meliflua trapalhagem usada em documentos semelhantes; deu-me a impressão de um toque guerreiro, dum toque a reunir para os católicos se oporem em massa, em nome dos sagrados interesses da Igreja, ao avanço da Democracia. Assim mesmo, claro e alto.

É bom ler este documento com o que se está passando no País. Sempre tenelerosos — os cavalheiros.

Lisboa

Novembro: 9.

Hoje ouvi a opinião de certo rector católico a respeito da carta do beryeiro a respeito de eleições.

Ha indignação. Não gostaram. Dizem que o cardeal se não deveria meter no assunto, etc. etc. Eu estranhei a reacção pois sempre julguei que os católicos fossem mais reverentes e disciplinados.

Lisboa

Novembro: 18.

Entre as cartas atrasadas que hoje me chegaram de Coimbra, havia uma com um convite do inspector escolar Armando Silva, de Vila-Nova de Miranda do C.º, para eu presidir a sessões de propagação oposicionista na vila.

Depois de Mafra, Miranda do Corvo... Não ha duvida de que tenho a minha reputação feita...

E ainda bem que o convite chegou agora; evitei uma recusa que me custaria muito como em Mafra.

Cóimbra:

Novembro: 28.

De volta a Coimbra, afressei-me a resolver a m.^a situação perante a comissão de propaganda oposicionista. E assim, ontem, assisti, em casa do advogado Neves Rodrigues, à reunião da comissão distrital do Movimento de Unidade Democrática abreviadamente chamado M.U.D.

Vim de lá um tanto ou quanto assaz paulado... Eu já tinha pensado que essa unidade não seria perfeita; mas não calculei que, aqui, ela fosse tão falsa. Polvos Porbupueses! Parece que só se unem para o mal; parece que só para o absolutismo são capazes de manterem certa unidade.

Depois dos cumprimentos e de apresentar as m.^{as} desculpas e agradecimentos, a sessão continuou e com a exposição que o licenciado Dirriz Jacinto fez da sua missão a Lisboa f.^a assisti a uma grande reunião de delegados do M.U.D. de todo o País.

E aqui começou um dire-tu, dissei eu entre o dr. Jacinto e o advogado Neves Rodrigues. Este queixava-se de menos atenção daquele para com a comissão que, aliás, se não queixou; declarou-se melindrado (o Porbupues é melindroso como uma açucena!) por não sei que atitude

do outro. O Dimiz Jacinto explicou, com a apparencia de melhor Boa fé a sua attitude e a missão; e confesso que gostei da maneira como elle expoz o assunto. Mas os ares turváraam-se... e eu pensei em intervir. A certa altura, o dr. Alberto Martins de Carvalho pretendeu lançar agua na ferverura e apaziguar os animos; mas os resultados foram poucos. A atmosfera estava carregada com fumo de cigarros e com a má vontade dos outros membros da commissão para com a caomunice do Neves Rodrigues. Esta má vontade era visivel. O commerciante Silvio Doco manifestou-se com ar aborrecido; o operario Gil Roque teve varios encolheres de ombros; e o dr. Martins de Carv.^o estava em brasa, não só pelo seu temperam.^{to} calmo e tolerante mas tambem, possivelmente, por calcular o effeito que tal espectaculo exerceria sobre mim, chegado de novo e cheio de duvidas.

E de feito, o espectaculo que aliás me não admirou, arrequeceu uns restos de boa vontade q. eu levava. Que desgraça a nossa que nos teve sempre a encontrar pretextos de questões e questinuncias, nos momentos mais solenes e perigosos! Que se pode fazer com tal gente que não ante

põe aos interesses das Ideias ou dos Princípios pequerrinhos melindres pessoais, filhos da vaidade, da inveja, do diabo que os carregue a todos?

Saímos de lá, já passava da meia noite, sem nada resolvido. Cá fora, o ar fresco e com certa humidade, refrescou os pulmões. O dr. Marbuis de Carvalho seguiu para o lado dos Olivais e eu segui para casa acompanhado pelo dr. Diniz Jacinto, Sílvio Sêco, Baeta de Campos e Gil Roque. Durante uns passos, viemos calados como se cada um tivesse a consciência da falta de êxito do movimento oposicionista; eu é que recepi o silêncio com esta observação que poderis ser submetida ao Conselho de Acasos mas que vinha a calhar:

— O Português não está bem sem discutir e questionar...

E fazendo ligeira paragem apesar do frio, concluí:

— Há mais de 40 anos que ando metido em andanças semelhantes... Pois meus Senhores: nunca vi outra coisa senão isto...

Ficaram todos a olhar para o chão. Eu recommencei a andar; e até á rua de Alexandre Herculano não se falou mais no assunto.

Coimbra.

Dezembro: 7

O editor d' O Tripeiro voltou á carga...
Anualmente insiste pela colaboração pro-
medida. Não é só ter o nome na lista dos
colaboradores...

Eu bem sei que não é. Lá escrevi mu-
lamente com desculpas e promessas.

Eerei capaz de cumprir?

Coimbra.

Dezembro: 8.

O Carlos Zamboni ofereceu-me o seu
último volume de nome Torturadas. Ele
e sempre tão amavel como que tive de
lhe dizer qualquer coisa que não fosse só o
vulgar "muito obrigado".

Escrevi-lhe, pois, e armando em cri-
tico disse-lhe, depois dos agradecimentos e
das desculpas pela demora do mesmo:

«... Eu não sou crítico; apenas sei dar
a impressão q. me causa qualquer leitu-
ra. Po' assim me atrevo a dizer que a me-
vela é na sua aparente simplicidade, obra de
curiosa observação, escrita com leveza de
prosa q. se torna atraente sem as complica-
ções que muitas vezes abafam o assunto.
O enredo, mais do que simples mas a que



INSTITUTO DE COIMBRA

Academia Científica e Literária

FUNDADA EM 1852

Ex.^{mo} Senhor

Tenho a honra de convidar V. Exa e sua Ex.ma família para assistir à conferência, que o Ex.mo senhor Coronel Belisário Pimenta, realizará a convite do Instituto de Coimbra, para comemorar o 1.º Centenário do nascimento de Fça de Queiroz, no dia 14 dêste mês, às 21,30 horas, na sala Carlos Ribeiro do Museu Geológico, e subordinada ao tema:

“Fça de Queiroz (alguns aspectos militares na sua obra)”

O Presidente

Anselmo Ferraz de Carvalho

Coimbra, 12 de Dezembro de 1945

U... deu tonalidades vivas, condensando um problema afinal bem complexo. Do meu juízo rabeus, pois: conseguiu assim com firmeza ligeira, tocar num aspecto bem pensado da vida. » Etc. etc.

Crimbra

Dezembro: 15.

Fiz ontem, finalmente, no Instituto a 1.^a conferencia sobre o Eça de Queiroz. A assistencia era variada mas havia falta de capelos e de tropas. Compareceram os amigos e certo numero de commerciantes, estudantes e operarios levados, de certo, por simples curiosidade.

As autoridades civis, ecclesiasticas e militares que, em regra, comparecem ás conferencias d' O Instituto não appareceram. Apenas o general se fez representar pelo ajudante Sacadura, creio que capitão de artilharia.

Os jornais que hoje noticiam o acto dão o relato já feito de ante-mão, como julgo que sempre acontece aquelles com quem a imprensa não sympathisa. Os illustres jornalistas limitam-se á nota officiosa mandada pelo direcção da casa (que neste caso e a pedido do dr. Gervásio Costa Lobo foi feita por mim) e mais nada.

A eterna comedia!...

É o que irá dizer f.^o o Quartel General o ajudante Sacadura que é dos intrinsecos apostólicos — embora, no final, me dissesse muitas coisas amáveis?

Esperêmos.

Coimbra:

Dezembro: 16

Não tive m.^{to} que esperar. Hoje de manhã recebi do Quartel-general uma nota assinada pelo Ant.^o Henriques da Silva, chefe do E. M., com o pedido de um exemplar da conferencia.

O que querera isto dizer?

Amabilidade: não é, evidentemente. E curiosid.^e literaria do general também não porque sua ex.^a é uma bestinha regular. Além disso, é natural que se saiba q. não é dum dia para o outro que se impri-me uma conferencia e a nota pede um exemplar, segundo parece, impresso.

Logo... Não sei se pense que o ajudante pintaria o meu trabalho como dia-trinca contra o exercito; e possivelmente como carapuce contra a situação politica actual. É com a amabilidad.^e da solicitação de um exemplar, o general e o chefe do E. M. ficaram sabendo o que eu disse.

Quero crer, até, que o exemplar solici-
tado seja manuscrito. Mas se faço-
me desentendido.

De manhã responderei.

E p.^a lembrança, deixo aqui a tal nota
oficiosa para a imprensa.

Centenário do nascimento de Eça de Queirós

O Instituto de Coimbra, integrado nas comemorações do primeiro centenário do nascimento de Eça de Queirós, promoveu na sala Carlos Ribeiro, do Museu Geológico, uma sessão, na qual foi conferente o nosso respeitável amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

A conferência, que foi pública, realizou-se ontem, pelas 21,30 horas, sendo subordinada ao tema «Eça de Queirós — Alguns aspectos militares da sua obra».

O conferente dissertou d'êste modo:

«Eça de Queirós pertenceu a uma geração de espirito renovador que não podia simpatizar com as guerras nem com exércitos organizados para a agressão; daí a constante nota depreciativa que se encontra na obra quanto a guerras quanto à manutenção da força, quanto a defesas militares, etc.

«Vem igualmente dar a maneira caracteral com que «prece ou as campanhas da época, os exércitos, especialmente o português a respeito do qual deixou impressões desfavoráveis que aliás não iam além do que se dizia na Imprensa e no Parlamento».

Em todos êstes assuntos tocou ligeiramente sem tentar aprofundar; applicando contudo (devido ao seu temperamento), muita graça e subtilidade em que envolvia a possível justiça e o possível bom senso.

O conferente no espaço «proximado de uma hora» abordou tanto quanto possível, esta serie de pontos que se notam facilmente na leitura ligeira da obra queiroziana.

Assistiram muitas pessoas, que ao ilustre conferente prestaram uma grande anifestação, pela maneira brilhante como desenvolveu o seu importante e valioso trabalho.

Presidiu o sr. Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, que foi secretariado pelas autoridades civis e militares, entre as quais se viam os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara.

Agradecemos o convite.

Este recorte veio de O Despertar, de 15
do corrente, n.^o 2911.

Coimbra:

Dezembro 17.

Ara eu resolvi responder para o Quartel-general á nota que me pediu um exemplar da m.^a conferencia sobre o Eça de Queirós do seguinte modo:

«... Acusando a recepção da nota nº: 1403 de V... datada de 15 do corrente, e agradecendo o interesse manifestado por S. E. o General a-proposito da reunião conferencia, venho informar p.^a conhecimento do mesmo E. Sr. de que a leitura do trabalho foi feita em simples notas manuscritas q. por estes dias serão postas a limpo. A conferencia será publicada no prox.^o volume de O Instituto que sairá m.^{to} em breve; e logo q. esteja impressa tornarei o cuidado de remetter para esse Quartel-General o exemplar solicitado...»

Não é isto, com certeza, o que eles querem. Mas tenham paciencia. O mo. não vai p.^a as mãos deles. E além disso, a conferencia não foi um acto de serviço. Se insistem tenho que lhes fazer ver isso.

Que resposta lido. terá neste tudo o Henrique da Silva que se diz «meu velho amigo»?

— 1946 —

Lisboa:

Janeiro: 1.

Mais outro ano, ou outro diabo que me caí em cima...

Coimbra:

Janeiro: 8.

Voltei ontem de Lisboa. Encontrei os azeijos desarrimados quanto a política interna e externa. E com razão.

Pela legalidade estão a ver que isto não muda. O exército e a igreja não deixam. A cruz e a espada não largam o abraço.

Lá veem as suas razões.

Coimbra.

Janeiro: 10

O Instituto de Coimbra, em sessão de Direcção congratulou-se com o êxito da minha conferência sobre o Eça de Queiroz e em 29 de Dez. passado officiou-me nesse sentido, amavelmente.

É claro que tive de responder, também amavelmente, em officio de agradecimento. E passa-se, assim, o tempo nestes na larva legues.

Coimbra:

Fevereiro: 21.

O Santos Costa, ministro da Guerra, discursou ontem no Parlamento grande, em companhia do colega do Interior, perante a posse do novo governador civil Joviano Lopes.

O Primeiro de Janeiro traz largo relato da cerimonia e o discurso do illustre Santos Costa vale ser lido. O cavalheiro falou com exaltação: « Somos a força, temos a força deste exercito que não tem salte julgar com serenidade (...). Temos por nosso lado a razão (...). Somos a força invencivel, ultravixente e certa. Porque hesitamos? Porque nos escondemos?... » etc. etc.

Que quer tudo isto dizer?

Coimbra

Fevereiro: 24.

Mandeii hoje uma grande carta para o gerente da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira com uma nota de nomes que eu entendo que deveriam ser incluidos. Lá vai, embora coute que não será aceite a

maioria

maioria das propostas. Têm, na direcção,
um critério que ás vezes não entendem.

Mas, para satisfazer o pedido, lá vai a
relação. E que façam o q. quizerem.

Lisboa:

Março: 16

Encontrei hoje, num electrico, o Possi-
donio Saraujo Coelho, sub-director da Torre
do Tombo, socio de Academias das Ciencias de
Lisboa e creio que um dos vice-presidentes
da Academia Portuguesa de Historia.

Deve dizer que este Saraujo Coelho tem
sempre para mim palavras de afreco e sim-
patia quer nos encontros em Lisboa quer nas
raras cartas que trocamos. Não sei se é
por francesismo se é com sinceridade; o
que sei é que á vista ou na ausencia me faz
sempre as melhores referencias. E quan-
do me encontra, mostra interesse pelos meus
trabalhos que procura saber em que estado
vão, etc. etc.

Ora hoje, num electrico, encontrei-me
ao lado dele por acaso. Muita festa para a
festa, muitas amabilidades em que ele se
coloca em situações de pessoa inferior, etc. etc.
Perguntou-me pelos meus trabalhos e a
certa altura disse-me com ar até certo pon-
to confidencial que ha muito me deseja

explicar o requinte que me expôs em voz baixa: a nomeação dos primeiros socios ou socios fundadores da Academia Paratyense de Historia foi da exclusiva responsabilidade do então ministro Carneiro Pacheco; e, Laranjo Coelho e alguns dos meus amigos e admiradores (sic) não tinham metido para aí meu nome ou meu estofe; as coisas correram sem a menor responsabilidade para eles...

Perante a m.^a admiração por estas palavras ditas assim, em voz baixa e afavel, o Laranjo Coelho então deu mais explicações:

— É que nós tínhamos muito prazer em que V... fosse nosso companheiro nos trabalhos da Academia, que nos ajudasse com os seus conselhos e a sua experiencia. E na primitiva relação que apresentámos ao ministro, o nome de V... lá já justamente inscrito.

E com um rapo escolher de ombros, concluiu:

— Ele não quiz... O decreto que fundou a Academia e nomeava os fundadores não incluiu o seu nome.

Felizmente, a parapeu em que o Laranjo Coelho deveria sair aproximou-se; e assim se resolveu o problema de minha

resposta — pois eu fiquei surpreendido com a confissão e, ao mesmo tempo, com a simplicidade da explicação a respeito da minha ausência no quadro da Academia.

Se, realmente, o ministro nomes os primeiros academicos, não competirá a estes a escolha dos outros? Não conheço os estatutos nem isso me interessa muito; mas, francam.^{te}, fiquei na dúvida acerca da sincerid.^e ou insinceridade da confissão.

Que diabo!... Porque me dá tanta importância este polve academico? Em que me poderei eu valer para ser assim, ás vezes, um tanto ou quanto servil?

Não sei. No entretanto, a confissão cá fica registada — para o que der e vier.

Lisboa

Março: 19

Fui a Coimbra, ante-ontem, para tomar parte na homenagem ao velho Antão Augusto Gonçalves. Tinha o maior interesse em ir lá se bem que uma constipação com laivos de gripe me deixou indeciso no sábado.

Mas lá fui e lá preparei a minha palinodia com voz mais ou menos rouca mas também mais ou menos clara que se deveria ouvir por toda a sala da Associação dos Artistas.

Pareceu-me que a sessão foi mal organizada: teve m.^{to} oradores e alguns que nunca deveriam falar em tal homenagem. O dr. Anselmo Ferraz de Carv.^o não conhecia, de certo, os bastidores de certas campanhas contra o velho Gonçalves, pois se os conhecesse não convidaria o Octaviano de Sá que, ainda por cima, se apresentou de farda clara no meio das casacas de todos os outros figurantes. Talvez não convidasse, também, o Fausto Gonçalves que eris mantê-lo em vida do Mestre a tesoura teem afiada. É ainda possivelmente o Fernandes Martins, não por ele, profuiam.^{te} mas pela Socied.^e de Defesa e Propaganda de que é presidente e em cuja tradição havia certa má vontade para com aquelle a quem se prestava a homenagem.

Mas, enfim, estes senões foram compensados pelas alocuções de alguns amigos sinceros e admiradores sem reservas. O Costa Mota, Solvinto, por ex.^o, brevia ao ler a sua pequena alocução; comoveu-se pelas recordações do Mestre e pelo franco habito de falar em publico — e isso quasi bastou para compensar a nota, para mim, discedante, da presença do safado, do safadissimo Octaviano de Sá. J. appareceu por ser o presidente misterino da

Escola Livre das Artes do Desenho, fechada
há anos e condenada a desaparecer.

Mas, enfim...

As m.^{as} impressões vão deixa-las em
uma carta que escrevi ao Laurenceo Chaves
Almeida que lá estava na sessão, recata-
damente, a servir com atenção e, segun-
do me pareceu, certa comoção íntima mui-
to natural.

Os jornaes, ontem, lá deram notícia
mais ou menos de chapa. No final da ses-
são os reporters, afadigados, tomaram no-
tas. Aqui ficam, para recordação, duas
dessas notícias:

A HOMENAGEM de Coimbra à memória do mestre António Augusto Gonçalves

COIMBRA, 17.—A sessão de homena-
gem à memória do mestre António Au-
gusto Gonçalves, promovida pelo Insti-
tuto de Coimbra e realizada na Associa-
ção dos Artistas, revestiu-se de grande
solenidade, pois a ela se associou toda
a cidade, representada pelas principais
colectividades.

Na sala, decorada com os estandartes
dos organismos locais, viam-se também
muitos artistas e antigos alunos do ho-
menageado.

Presidiu o sr. prof. dr. Anselmo Fer-
raz de Carvalho, que falou do signi-
ficado da sessão, após o que os srs.
coronel Belisario Pimenta e dr. Costa
Rodrigues fizeram conferências, em que
focaram a figura e a obra do mestre
Gonçalves.

O sr. dr. Octaviano de Sá, como pre-
sidente da Escola Livre das Artes do De-
senho, associou-se à homenagem, afir-
mando o propósito de manter aquela
escola, que tanto dignificou a arte

coimbrã.

O escultor Costa Mota e o pintor
Fausto Gonçalves, antigos alunos do
homenageado, evocaram a sua memória
com palavras de saudade.

O sr. dr. João Couto, director do Mu-
seu de Arte Antiga, de Lisboa, falou
também como antigo aluno e evocou o
vernáculo em que justificava mestre
Gonçalves, que classicou como o mais
famoso que tinha conhecido. Ocupou-
se depois da reforma dos museus e
advogou a necessidade urgente de, na
remodelação do Museu de Machado de
Castro, ser criado um instituto de cul-
tura artistica.

Falou a seguir o sr. dr. Aarão de La-
cerda, director das Belas Artes do Porto,
que pôs e a evidência a época em que
António Augusto Gonçalves desenvol-
veu a sua actividade, a fim de demons-
trar a luta que teve de manter para
fazer triunfar os seus pontos de vista.

Por ultimo, o sr. dr. Fernandes Mar-
tins, presidente da Sociedade de Defesa
e Propaganda de Coimbra, associou-se a
homenagem e chamou a atenção para o
irmã do homenageado, sr.^a D. Libânia
Gonçalves, a quem a assistência dis-
pensou uma demorada saudação.

De tarde, os socios do Instituto e con-
vidados visitaram o Museu Machado de
Castro, onde foram recebidos pelo ar-
queologo rev. Nogueira Gonçalves, que
os acompanhou na visita.

D' O Seculo.

Seculo

FOI PRESTADA HOMENAGEM

por iniciativa do Instituto de Coimbra

A MESTRE ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES

COIMBRA, 17. — Na Associação dos Artistas realizou-se esta noite uma sessão de homenagem á memória de mestre Antonio Augusto Gonçalves, promovida pelo Instituto de Coimbra. Presidiu o sr. dr. Anselmo Ferrás de Carvalho.

Fizeram-se representar a Universidade, pelo vice-reitor sr. dr. Carlos Moreira, e vários organismos.

Depois os srs. coronel Bellizário Pimenta e dr. Costa Rodrigues leram estudos sobre a actividade artística de mestre Gonçalves,

ocupando-se principalmente do seu labor e saber de arqueologo. Usaram depois da palavra os srs. dr. Octaviano Sá, como presidente da Escola Livre das Artes de Desenho, fundada pelo homenageado; o escultor Costa Mota e o pintor Fausto Gonçalves, como discipulos de mestre Gonçalves.

Depois do sr. prof. dr. Gumercindo Costa Lobo ter lido o estudo do sr. dr. Manuel Monteiro, falaram os srs. dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga, e dr. Aarão de Lacerda, que focou a personalidade de mestre Gonçalves sob os multiplos aspectos da sua acção artistica: arqueologo, pintor e desenhador, e, ainda, a de organizador ao qual o Museu Machado de Castro fica a dever notaveis funções. Por fim, o sr. dr. Fernandes Martins associou-se á homenagem como presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, que elogiou a acção do Instituto na recordação e homenagem dos vultos eminentes de Coimbra.

(Do Diario de Noticias).

E agora segue a carta para o Chaves Almeida em que são resumidas as minhas impressões:

«... Quiz escrever - the, logo que cheguei, p.^a the dar as m.^{as} impressões acerca da sessão de homenagem ao nosso velho Amigo; mas a viagem e a humidade da noite de Domingo fizeram-me mal e logo que cheguei tive de me meter na cama eucatarrosa-dissimo. Só hoje me levantei e aqui estou a dizer de mi.^a justiça, á laiz de desabafo...

«Gostei da sessão, diga-se a verdade; foi um lembrete a toda essa gente que foy esquecer o velho Mestre; mas, ao mesmo tempo, vim de lá com algum desgosto... Se é certo que se ouviram palavras de amigos certos e dedicados, daqueles que são incapazes

de esquecer, a verd. Também é que appareceram no tablado creaturas que, em país de mais vergonha e mais policiamento moral, nunca transporiam a porta da sala nem mesmo como simples espectadores.

«A petulancia com que o ilustre Octaviano surgiu para falar, sem recato de indumentaria quando todos nós estávamos devidamente encasacados e com exuberancia de gestos nada apropriados, é um caso tipico de falta de vergonha moral, de impudor de safardarias que conseguem, afinal, sobrefazer-se á gente honrada.

«Não sei se notou o descerido e incoerencia da pequena allocução que elle teve a audácia de proferir; é possível que de casa trouxesse as laudas mais ou menos concertadas, mas creio que as m.^{as} palavras certas acerca da Escola Livre o feriram porque, enquanto o Costa Rodrigues teve a sua obrigação, vi-o escrever nervosamente em umas folhas em quarto, a riscar e a emendar, bufando, com gestos de impaciencia. Por isso elle levantou a m.^a afirmação da inutilidade da Escola procurando rebater a suspeita da indiferença da mesma pela memoria do Fundador.

«Não reparou? Polere Escola Livre em que mãos foi cair! A estafada evo-

cação do asorrague de Cristo no templo, seria bem aplicada a este caso tão típico.

« Mas, enfim, a moda da arremetida octavianesca não tirou o merito das allocuções dos amigos. Não sei bem até que ponto foi sincero o Fausto Gonçalves e não cheguei a atingir o empenho do Fernandes Martins em falar no fim de todos... É certo que foram correctos e caíram bem, no conjunto, as palavras breves que proferiram. Mas... mas...

« Conversarêmos acerca destas minhas duvidas logo que regresso e sulta á sua Feláida em tarde alegre de Primavera, com verdes por todos os lados e horizontes doces a esfumárem-se ao longe. Por agora aqui ficam apenas impressões de momento que me acompanháram na viagem de 2ª feira envolvidas na boniteza que alguma fébre me provocaria e que nestes dias de recolhimento me têm acudido ao espirito.

« É assim chego á conclusão muito simples de que deverêmos ter muito cuidado com a organização do centenario q. projectámos, pois se viu agora como os apedrejadores do velho Mestre têm artes e malhas para se meterem como piolho por costura. O caso exige, de nossa parte, a maior Diplomacia mas, ao mesmo

tempo, a maior firmeza. Nada de deixar entrar o bicho noedor... Sucessando nós glorificar a memoria do Mestre Gonçalo, não deverêmos consentir que sejam os que ainda conservam nas algibeiras restos da psira dos apedrejamentos (como o Almeida um dia escreveu com justiça) entrem no numero dos que vão queimar com sinceridade o incenso votivo.

« A escolha dos iniciadores terá de ser feita com cuidado e escriptulo. Lá se verá isso, nessa bela Tavim, em tarde de conversação amena e amigã. E teremos que lançar mãos á obra, não queira o illustre Demonio, esperto e fino como é, que essas entidades patrióticas que possuem fechada na mão a Sublime Verdade, se lembrem de se adeantar com olhos postos « na nossa querida Coimbra » etc. etc. Quero crer que não; mas é bom não confiar de maisiado.

« Logo que possa sair vou procurar o Costa Mota Sobrinho e o nosso dr. João de S.º Couto; fiquei de os procurar para lhes expor o plano do centenário e ouvir deles alguma coisa de util.

« E está vai grande já. Fecho a torrente de comentários com cumprimentos p.º as Senhoras, etc. »

Nesta carta q. aí fica, fala-se no próximo centenário de António Augusto Gonçalves. Realmente há muito acarício e ideia de se celebrar esse centenário e no assunto já falei ao Lourenço Chaves Almeida. Ainda, por ora, a ideia em germinação, e essa germinação terá que ser cautelosa, ponderada e... com certa modéstia. O tempo não é favorável para tais comemorações e para se conseguir algum êxito é necessário muita paciência...

Vamos a ver.

Lisboa.

Março : 25.

Procurei hoje o Costa Mota, Solerinho, na sua oficina da rua de Damas como Monteiro. Estava a trabalhar no grupo da Senhora da Piedade para as capelas do Paço; li-me lá um modelo, um molde varredor da Câmara, magricela, que lhe serviria para o Cristo estendido nos joelhos da Mãe. A ironia das coisas!...

Conversámos. Contei-lhe o projecto do centenário de Ant. Aug. Gonçalves. Ele aprovou, achou que o meu projecto nada tinha de exagerado e prometeu adesão e auxílio. Queixou-se da saúde, está a

chegar aos 70 anos, alegou que trabalha de mais, mas entende que deve continuar assim. Parar é que não, o seu empenhamento não o consente.

Achei-o, realmente, um tanto ou quanto caído fisicamente; as mãos um pouco tremulas ao fazer os cigarros. Como artista, porém, pareceu-me que se mantém vivo. Os barro para as capelas do Buçaco não mostram decadência, pelo contrario, são obras boas.

Vamos a ver que parte ele poderá tomar na comemoração.

Coimbra.

Mais: 9.

Ha mais e mais sem deixar uma nota nestes cadernos! E ha tanto assunto...

Ora hoje, p.^a quebra o silencio, vai a nota de 9. officii para a Revista Militar pedindo exença de comparencia na proxima assembleia festiva e informando de que concordo e apoio o projecto de comemoração do 1.^o centenario do nascimento de Sebastião Teles que foi socio honorario e « um dos maiores valeres militares das ultimas gerações. »

E na verdade: Sebastião Teles foi um dos raros valeres e, ao pé destes cavalheiros

de hoje que se esboçavam gerações, e valer para o qual não há escala. E' assim mesmo, não estão a exagerar meu falo como despeitado.

Coimbra:

Maio: 27

Dei-teu, em Braga, no banqueté comemorativo do 20.º anniversario da « gloriosa revolução nacional » o Doutor Costa deiteu discurso me.º curioso e exaltado.

Leia-se os jornais. Vale a pena. Este Doutor Costa saiu-me um orador de mão cheia. Quem o havia de dizer quando foi meu alferes, ha vinte e tantos annos, sem pre trombudo, mal humorado, mal creddo e pouco disciplinado!

Era o Genio a barbeulhar...

Coimbra.

Junho: 6.

Lá vai carta para o Pires Monteiro, carta cheia de impressões do momento q. á falta de outra coisa me apetece guardar nestes livrécicos.

« Ando dia a dia para lhe escrever; mas o meu espirito está sobrecarregado de preocupações não tem meu

trado momentos favoráveis. E como se não bastassem preocupações de carácter particular, vêm as outras, as que os jornais lançam todos os dias e os aparelhos de radio lusinam a toda a hora sem dó meu piedade.

«E que pobres têm as f.^{as} inquietações! Desde as oligurgatérias do arcebispo de Braga, no dia 26 de Maio, nas barbas dos poderes do Estado, até ao duelo oratório de superior interesse entre Berin e o velho Churchill — para só falar dos últimos dias — que tremendas coisas a que a nossa geração está assistindo! E ainda, quem sabe se a procissão só vai na ponte, confiam-me ditos dos meus patricios.

«E que fazer, pobre de mim, q. vilão com tudo isto, quasi recusando comprehender tal barafunda!

«Ha dias alucocava tranquilamente, quando a emissora me transmitia a horrilia do arcebispo bracarense, na missa campal: tive a impressão de que me transportava aos bons tempos do sr. Dom Miguel, quando o iracundo Fr. Fortunato de S. Boaventura tropejava do alto da cadeira sagrada. Fiquei aturdido. Estaria eu a ouvir bem? defeito da minha comprehensão já um pouco caduca? As mãos

como que ele gesticularia, segundo os bons
preceitos oratórios, estariam fechadas em
muro ameaçador? Era domingo e se-
gundo o meu costume fiquei-me por ca-
sa; mas não conseguí coordenar ideias
para continuar com o meu Saldanha; to-
do o paulto dia andei abstracto, como
quem levou uma forte pancada na cabeça.
O meu rico Saldanha, que se bateu pela
~~liberdade~~ Liberdade, ficou á espera... Os ges-
tos que imaginava e as palavras que ouvi
as primaz das Espauhas subvertiam-
me...

«No dia seguinte corri aos jornais fi-
lar com atenção a homilia. Não encon-
trei senão resumos: parece q. o Espírito
Santo iluminou a Imprensa e quiz por-
tar aos leitores obra tão substanciosa...

«Onde cheparêmos nós, meu caro Ami-
go, por este caminho? O que fará de nós a
cinda negra que cresce, cresce e... cresce?
E o que se vê lá fóra, debaixo duma ap-
rencia de Democracia? Não será Roma,
vestida á 1789, sorrindo como meretriz
para os incautos? Nesta renascida Re-
publica italiana, não acha que ha católi-
cos-democratas a mais? E na propria
França?... Eu sou um velho desconfia-
do e hoje cético; talvez haja em tudo o q.

digo alguma coisa de melhos conceitos e antigas folias; mas, mesmo assim, fica largo pau para mangas.

« É o pior é que o meu Saldanha vai ficando para trás e eu aflito porque o trabalho vai-se tornando extenuante e a vida vai correndo sem se importar com estas ninharias.

« É a propósito do Saldanha quero lembrar que em Dezembro deste ano passa o 1.º centenario do combate de Torres Vedras ganha pelo marechal contra o Bonfim, por 5 a 0 como hoje se diz em linguagem desportiva. Catharina na Revista um artigo, no n.º de Dezembro, commemorativo do facto? De certo não acharão oportuno, embora a vitória de Saldanha fosse a vitória das direitas contra o reacionismo. O lembrar não offende como diz o povo e a ideia aí fica para o que der e vier.

« Já falei ao dr. Joaquim de Carvalho, regressado ha pouco de França sem os jornais badalárem como fazem com qualquer mediocridade. Como o primeiro encontro foi reservado aos cumprimentos e felicitações, não tratei do seu caso o que farei talvez amanhã.

« Vou fechar o desalho, desculpe, etc. »

Coimbra

Junho: 16

Consegui hoje reunir a comissão que ha-de levar a cabo o centenário de António Augusto Gonçalves.

Ha-de levar a cabo...

Assim será.

Depois de varias deliberações e consultas arranjei a comissão que adiante vai nomeada. To esumo me arvorei em secretario, tomei as notas para a acta que virá a ser pouco mais ou menos o q. se segue:

« Aos 16 dias do mês de Junho, pelas 15 h. numa das salas da direcção do Museu de Machado de Castro, autorizados pelo seu director interino, reuniram-se os seguintes individuos relacionados pela ordem alfabética: Alvaro Viana de Leemos, dr. António Luis da Costa Rodrigues, rev. P.^o António Nogueira Gonçalves, B. Pim.^{to}, dr. Gerneraldo Sarmento da Costa Lobo, João Machado Junior e Laurencço Chaves Almeida. Por B. P. em seu nome e no de Laurencço Chaves Almeida promotores da reunião, foi exposto o motivo que os levou ao convite: o qual é tentar celebrar em 1948 o 1.^o centenário do nascimento do grande artista, professor, critico e cidadão que foi António

Augusto Gonçalves ainda na memória e na veneração de todos os seus amigos. Para isso tem uma nota que fizera para orientar ~~os~~ os promotores, espécie de programa que expõe à consideração dos presentes: o centenário seria realizado entre os dias 5 de Novembro e 19 de Dezembro ou seja entre os dias da sua morte, em 1832 e do seu nascimento em 1848. A celebração poderá consistir do seguinte:

« A) Parte oficial, isto é, a que necessita da colaboração oficial: 1) Lápide no túmulo em que nasceu; — 2) Nome a uma rua da cidade; — 3) Constituir a Escola Livre em Casa de Ant. Sep.º Gonçalves.

« B) Edições de obras suas: 1) Folhetos de defesa de monumentos e crítica de arte; — 2) Dispersos: crítica de arte, polemica, varios outros assuntos.

« C) Conferencias: I: 1) Vida de Ant.º Sep.º Gonçalves; — 2) O Professor: a Escola Livre e a Escola Parotero; — 3) O pintor e o cenógrafo; — 4) O escultor; — 5) O ceramista; — 6) O arqueólogo e o crítico de arte; — 7) O escritor e jornalista; — 8) O polemista; — 9) Os museus: a) museu municipal; b) 2º Instituto; c) o da Arte Sacra; d) o Machado de Castro; — 10) O cidadão: acção politica na Camara Municipal e na propaganda

republicana; o chefe de família e o amigo;
o seu carácter e integridade moral. = II:
Os discípulos: 1) A pedra: João Machado,
José Barata; - 2) O ferro: Manuel Pedro e
Laurenço Gh. de Almeida; - 3) A madeira:
Benjamin Ventura; - 4) A pintura; - 5)
A cerâmica.

«D) Exposições: I) Bibliografia e Geo-
grafia; - II) Desenhos, pinturas, escultu-
ras; - III) Cerâmica. Salas p.^{as} as exposi-
ções: Escola Livre, Câmara Municipal,
O Instituto, Associação dos Artistas, Círculo
Operário, Monte-Dio Marbicus de Casualho
e Primeiro de Janeiro.

«E) Colaboração que terá de se solici-
tar: Imprensa em geral, e em especial
a de Coimbra; Câmara Municipal; Uni-
versidade; O Instituto; Associação dos Ar-
tistas; Junta da Beira Litoral, etc.

«F) Colaboradores que serão solicita-
dos: Costa Mota Sobrinho; dr. João Couto;
dr. Vasco Valente e Alberto Meira, do Porto;
dr. Manuel Monteiro, de Braga; dr. João Gas-
par Simões; dr. Reinaldo dos Santos; dona
Vera de Lima, Roche Madail, dr. Joaquim
Madureira, dr. Araújo de Lacerda, Caudido
Nazaré, etc. etc.

«Esta espécie de programma foi, na ge-
neralid.^e aprovada e a ideia do comemoro-

ração foi leuada com palavras de cari-
 nho e entusiasmo por todos e em especial
 pelo sr. dr. Costa Lobo, P.^o Nogueira Gonçalves
 e Costa Rodrigues e concordou-se em que
 durante o verão cada um dos presentes pas-
 sasse no programa com atenção, visse as
 alterações ou aditamentos que se poderiam
 introduzir no mesmo programa e estudas-
 se o modo de fazer colaborar as autoridades
 locais na obra que se empreende. Trocan-
 do-se em seguida impressões, Viana de
 Lemos lembrou que também haveria man-
 tagem em reunir o que se tem escrito so-
 bre Gonçalves em especial por personali-
 dades de valor. O dr. Costa Rodrigues disse
 que seria interessante que em Lisboa se fi-
 zessem algumas conferencias, p.^o dar as-
 sim maior amplitude á comemoração
 p.^o o que se poderia pedir a colaboração da
Casa de Coimbra; esta ideia foi ampliada
 por B. P. com conferencias no Porto pela
 mesma occasião. O dr. Costa Rodrigues co-
 municou que o escultor Costa Mota Sobri-
 nho lhe dissera que desejava fazer uma
 estátua, em pé, de Mestre Gonçalves; e
 Viana de Lemos lembrou que se poderia
 fazer um postal e um selo comemorativo,
 tempos antes, sem caracter official, apenas
 para chamar a atenção. O sr. P.^o Nogueira

Gonçalves propoz que o sr. prof.^o Viana de Leuzos se poderia encarregar das ex-
posições; e B. B. que o sr. dr. Costa Rodrigues
se poderia encarregar da conferencia que
tratar-se de Gonçalves como cidadão (ali-
nea 10 do 3 Confer.^o). Combinou-se por
fim que se deveria dar parte desta reu-
nião a alguns amigos como: dr. João de
S.^o Couto, Costa Mota Solerinho, dr. Manuel
Monteiro e outros mais, convidando-os
já para colaborarem embora a colaboração
que cada qual poderia dar fique condi-
cionada a combinações posteriores. Resolueu-
se finalmente que a prox.^a reunião seria
no mês de Outubro na qual se assenta-
ria definitivamente o programma e se ini-
ciariam, a valer, os trabalhos. E não ha-
vendo mais nada p.^o tratar, etc. etc. »

E aqui está como eu consegui lan-
çar um empreendimento que me andava
há muito no espirito. Conseguirei alguma
coisa? Vamos a ver.

Cóimbra

Junho: 22.

Nova carta e grande ao bom amigo
Pires Monteiro. Poderá parecer affectação
a transcrição destas cartas; mas deixo-

as aqui porque substituíam bem quaisquer outras notas que ~~me~~ pudesse deixar nestes cadernos. Traduzem impressões do momento, ás vezes desconexas, mas que não deixam de ser impressões.

«... Tenho em frente as suas duas ~~cartas~~ excelentes cartas e desde já lhe devo afirmar que nunca me poderei molestar quaisquer observações suas. O meu silencio faria levantar tal suspeita; e na verdade os meus silencios são ás vezes incorrectos. Mas que quer?

« Muitas e desvairadas coisas me prendem a atenção e agora, até, como qualquer rico proprietário, acabei em bolandas e em luthado em papeis por causa do imposto complementar além duma ida a Miranda do Corvo de onde venho sempre embarrachado da paisagem sentimental e das recordações não menos sentimentais. O declinar da vida parece que faz aumentar consideravelmente o sentimentalismo; cada vez me sensibilizo mais com pequenas coisas que para muitos passam despercebidas; e se essas coisas tocam com tempozidos de descuída mocid^{de} teremos, então, razões para hiper-sensibilidade. Mas adeante. O tempo vai mais para prosa dura e

e poucos heróicos á maneira do muito alto senhor Joel de Luis...

« Pois meu prezado Am.^o: a sua carta de ha uns 15 dias vem cheia de acertados comentários, tem como esta de ha poucos tempo. Realmente eu não deveria ouvir ou ler certas afirmações. Mas o meu radio é de marca antiga e é aparelho muito velho e, como todos os velhos, tem catarricos desagradáveis como seja a de, naturalmente, só querer ouvir a Emissora Nacional; além disso é Telefunken e como tal nutre simpatias pelo Estado Novo; e assim me condena ás vezes, á hora do almoço, eu do jantar, a ouvir o que ele quer e não o q. eu desejo. Por outro lado, os jornais... não o que se sabe. De modo que poderemos frequentar, para passeando o Bom Camões, onde se poderá meter um bicho da terra vil?

« Ora aqui tem. Quer queirâmos quer não, temos os olhos e os ouvidos sujeitos a todas as temperas e meu sempre o sistema nervoso está em estado de resistir. O que vale é que, por estes dias, terei de ir p.^a a Paz: a saúde de m.^a Neta que os médicos quereem afastado de Lisboa, obriga os Avós a anteciparem a temporada; e por um lado me desliga da m.^a casa e das minhas coisas, por outro tenho a vantagem de o

isolamento por, talvez, calmante: entre palcos e com raras comunicações com o mundo, poucas excitações se levantam — o que para mim compensa a falta do ambiente próprio.

« Receli o Estudo Sociológico. Não tinha pressa dele; não sei se lhe mandei dizer que poderia ter o livro em seu poder o tempo que quizesse; e se novamente dele necessitar queira dar as suas ordens.

« O dr. Joaquim de Carvalho não conhece o André Lamarche. Este desconhecimento dá-me ideia de que o homem não deve ter grande categoria científica pois quero crer que se a tivesse não seria ignorado de tão ilustre e culto professor. Deulero-me de que poderia tentar consulta, aí, com o dr. Vieira de Almeida, da Faculd. de Letras; é espírito eminentemente curioso e poderá ser que dê qualquer informação. Eu, a respeito de filósofos, fiquei-me no Marco Aurelio... Confesso que não é grande leitura para impressionáveis e desalentados; mas está em idade que não necessita de grandes injeções filosóficas e cá vou vivendo conforme o Grande Architecto é servido.

« Mas voltando ao assunto. Muito e muito bem quanto ao prefácio para a 2ª

quenda edição da obra do Sebastião Teles? Creio que difficilmente se encontra na nossa classe quem seja capaz de o escrever; a técnica invadiu o cérebro dos nossos camaradas e o espirito fugiu naturalmente aterrado — e creio que já lhe disse que ao falar-me pela primeira vez no assunto, eu, mentalmente cheguei á conclusão de que o meu prezado Am.^o seria um dos raros (ou rarissimos?) capazes de o fazer e fiquei satisfeito ao saber que aceitara a incumbencia. E posso acrescentar para seu louvor: a honesta incumbencia.

« Bem sei que o trabalho é de responsabilidade por muitos motivos; mas, desculpe dizer-lhe, deve ter confiança em si e comprometter-se de que no que escrever ha sempre base de seriedade e ha ainda a solidéz de quem estuda com consciencia.

« Diz-me que me quer ouvir, durante momentos, acerca desse trabalho. Com o maior prazer e pelo tempo que quizer; desde já, farei, lhe digo que o meu parecer terá pouco peso. As m.^{as} meditações não têm corrido para esses lados, mas estou ás suas ordens.

(1) Trata-se da Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

« Esta já vai muito comprida mas ainda lhe direi q. o Nuno de Montemor é o P.^a Alvaros de Almeida que se converteu ha m.^{to} á litteratura piégas para agradar á época e dar proveito á bolsa... E o bispo de Beja será sempre, para mim, o Sr. José do Patrocínio Dias que eu conheci durante a celebre greve acadêmica de 1907 por attitudes muito pouco simpaticas ou nada evan-gélicas. E' tudo muita gente, graças ao Diabo!

« E termino, esta já vai longa. Que os seus prognosticos acerca da barafunda mundial sejam certos! Eles terão base conscien-te que os meus não têm. Seja assim. E que o Papa possa continuar a dizer: Paz aos homens de boa vontade!...

« Amem!...

« Um abraço, etc. etc. »

Paz: Mafra.

Julho: 5.

Lá estou, de novo, na Paz. Mais en-tra vez fóra de casa...

Que lhe hei-de eu fazer? Estou con-deado a viver o resto da m.^a vida fóra das minhas coisas.

Para com-
pensar, os jar-
mais badalaram

PARTIDAS e CHEGADAS

Retirou desta cidade para a Quinta da Paz (Mafra), o nosso respeitabilissimo e illustre amigo, sr. coronel Belpáριο Pimenta.

a minha parbida, como se se tratasse de
pessas motavel. E' uer o recorte que ai fi-
ca colado. E' o que uale.

Par: Mafra.

Julho: 10.

Dia de calor terrivel de 30 e tantos á
sombra. Mesmo assim tenho que res-
ponder ao illustre Madaíl que anda, com
certeza, a tramar qualquer coisa contra
as nossas intencões respeitantes ao cen-
tenario de Antonio Augusto Goncalves.

Mandou-me uer postal preguntan-
do onde pára certo quadro a caruad feito
pelo Goncalves e pertencente a meu tio
Albino da Silva. Trata-se de uma das fan-
tasias por influencia do italiano então
em voga Piranesi, artista do rec.^o XVIII.

Respondi-lhe que não sabia. Não estou
para o aturar. O que ele querera é o qua-
dro. E na uer^{de} a m.^a p^{er}ua é que não sai-
ta o paradeiro. Ainda arriscaria uns di-
nhinhos para a courotação de o possuir.

Par: Mafra.

Julho: 17.

O Henrique Braz, de Aveiro do Brevio-
rio, mandou-me dois opusculos da sua
autoria. Esta oferta reuiuibilizou-me pois

me fez recordar os tempos da questão acadêmica de 1807 na qual este Braz foi das figuras mais correctas.

É claro que lhe escrevi uma longa carta sentimental... Ele era, na vert., um rapaz agrumado físico e moralmente; o seu trato era distinto; o seu vestuário sempre muito cuidado; a inteligência viva; o espirito tolerante e franco.

Bons tempos. E como já passaram quasi quarenta annos!

Paz: Mafra.

Julho: 18.

Extractos duma carta para o meu velho amigo Luis Ribeiro, de Angra do Heroísmo que continuamente me envia o Boletim do seu Instituto Histórico e ultimam.^{te} umas separatas dos seus trabalhos:

«... Vejo que não esmorece no trabalho e ainda bem. Os seus estudos etnographicos são muito bons e já em quantidade apreciavel; e pela forma e pelas bases sobre que os trata, nota-se que deve ter m.^{to} mais material p.^o outros. Venham eles! Olhe que o tempo vão e cada dia que passa não volta mais. Tem audo agora com essa preocupação do tempo; vejo-o fugir a unhas de ca-

ualo e refário nas toneladas de material que acumulei ao longo da vida como se esta fosse eterna e o carcereiro fosse uma máquina que trabalhasse sempre sobre diamantes. Sinto que terei de deixar grande cofra de elementos improdutivo e lastimo assim as horas que perdi em os colher p.^a não virar, afinal, o resultado.

«... Tenho apreciado o Boletim do seu Instituto Histórico. Bem haja. E' obra meritória e que, com o tempo, virá a ser valiosa. O impulso está dado e quero crer que perdurará o seu esforço. Pensei, varias vezes, e de ha muito, em instituições semelhantes p.^a o distrito de Coimbra ou, pelo menos, para a região mais proxima; mas nem a terra de doutores só com capelo e barba ha direito para fazer asneiras... a gloriosa «Alus Mater», a velha criação de D. Diniz, a excelsa p.^a rideira de tanto mythar de celebridades, não faz nem deixa fazer.»

Ficam só estes dois extractos. O resto era o costumeado chá das recordações dos tempos academicos e as banaes oleogaterias contra as coisas modernas.

Desabafos, afinal, inofensivos que só trouxam o declinar p.^a a velhice.

Paz: Mafra.

Julho: 27.

Carta ao meu condiscipulo Helder de
maundo dos S.^{tos} Ribeira. Fica aqui, como
muitas outras porque traduz impressões
da ocasião.

«... A tua boa carta de Janeiro pas-
sado ainda para resposta ha muito como é
de dever e do meu desejo. Varias causas,
porém, de urgencia, á parte contrarieta-
des que sempre complicam o possêgo e boa
disponição necessarios tem o obrigado a de-
mora que só aqui, nesta quintarola de mo-
me simbolico, deve terminar hoje.

«E a verd.^{de} é que, por entre lembran-
ças que surgem na vida quotidiana, a pro-
posito disto e daquilo, podes erer que a nos-
sa velha amizade «mais senbida que vi-
"vida» como dizes, me surge m.^{ta} vês, co-
mo reacção, quem sabe, contra os tempos
que correm, materialistas, de feros realis-
mo que dão que pensar aos ~~homens~~ velhos.
E lembro-me de que li, talvez em Bour-
get se a memoria me não falha, que os
amigos para serem bons devem conser-
var-se, como o vinho, bem rolhados e lacra-
dos para no fim de tempos serem aprecia-
dos como devem.